

### **APRESENTAÇÃO**

m agosto de 2014, a Fundação Arquivo e Memória de Santos firmou uma importante parceria com o jornal Perspectiva, dirigido pelo jornalista Luiz Carlos Ferraz, no intuito de difundir algumas histórias curiosas da cidade. De lá para cá, mensalmente, o jornalista e escritor Sergio Willians, diretor técnico da Fams, notório historiador da memória santista, vem brindando o público com diversos pequenos artigos sobre os mais variados temas da trajetória da cidade, contando histórias sobre edificações importantes, personagens e fatos relevantes da linha do tempo de Santos, fazendo uso do valiosíssimo acervo fotográfico da fundação.

Agora, depois de pouco mais de três anos desta parceria, a Fundação Arquivo e Memória de Santos compila todas as publicações neste livreto, com o objetivo de manter preservado estes trabalhos, além de potencializar sua difusão, disponibilizando os artigos para consulta na Biblioteca Digital da Fams, esperando que este material seja utilizado como fonte de pesquisa para estudantes em busca de elementos que contribua para o entendimento da história de nossa cidade.



### FUNDAÇÃO ARQUIVO E MEMÓRIA DE SANTOS JORNAL PERSPECTIVA

**APRESENTAM** 

### SANTOS E SUAS HISTÓRIAS

PESQUISA E TEXTO
SERGIO WILLIANS



### O projeto da nova Alfândega (1936)



instituição "Alfândega de Santos" é uma das mais antigas da cidade, criada ainda nos primeiros momentos da colonização, em 1550, sendo a terceira do país (atrás apenas de Salvador-BA e da nossa vizinha. São Vicente). Por séculos, funcionou em instalações modestas e até precárias, até que na segunda metade do século 19, com o fortalecimento do Porto de Santos. passou a abrigar um imponente edifício construído no local onde existiu o antigo Colégio dos Jesuítas.

Esta edificação cumpriu bem seu papel entre 1880 e 1924 e, apesar de relativamente nova, foi demolida, para dar lugar ao atual prédio da Alfândega, cuja construção se inicia em 1925, custeada pela Companhia Docas de Santos.

Enquanto a instituição funcionava provisoriamente no armazém externo 14, o edifício, de cinco pavimentos, construído em estilo neoclássico, com influência no art-decó, surgia imponente diante da Praça da Republica, com seus 12.350 metros quadrados de área utilizável. Um colosso!

Revestido externamente por granito e cimento brusco, internamente a edificação é feita de um terço de mármore, importados da Espanha e Itália, com desenhos de estrelas de oito pontas no mosaico do piso do salão. Foram utilizados cerca de 122 mil quilos de ferro em sua estrutura. Somente nas portas, portais e grades, foram gastos 44.000 quilos de ferro. Na instalação elétrica foram usados 28.000 metros de fios condutores. O encortina-

mento consumiu 1.400 metros de pano. Esses dados superlativos encantavam a todos, tanto quanto a beleza dos vitrais instalados no saguão principal, obra da famosíssima Casas Conrado,

onde dominam as Armas da República.

Depois de praticamente dez anos de obra, a nova Alfândega foi solenemente inaugurada em 19 de novembro de 1934, contando com a presença do então ministro da Fazenda, Dr. Arthur de Souza Costa. A

Praça da República e imediações ficaram repletas de gente, entre curiosos e santistas orgulhosos pode terem ganho mais uma bela edificação, que se tornaria referência no país.

O prédio viria a ser restaurado em 1999, em obras que duraram quase quatro anos. Atualmente, o prédio necessita de uma manutenção externa, para voltar ao seu esplendor natural.

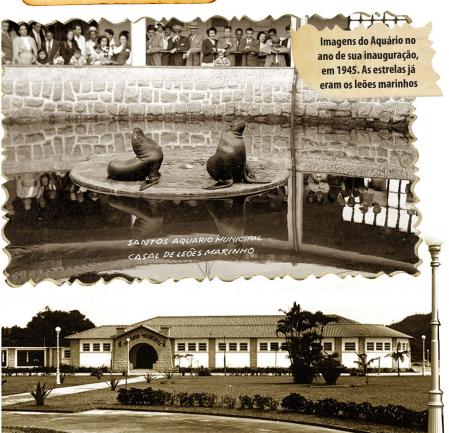


Desenho original do projeto da nova Alfândega, de 1924. Obra seria custeada pela Companhia Docas de Santos



### Aquário Municipal de Santos e suas histórias O mais antigo do Brasil





Aquário Municipal de Santos é o mais antigo do Brasil, inaugurado em 2 de julho de 1945. Foi criado na gestão do prefeito Antonio Gomide Ribeiro dos Santos e logo se destacou pelo porte, tornando-se um dos maiores atrativos turísticos do Estado de São Paulo.

A ideia de reunir uma coleção de animais marinhos em tanques de água salgada, para exposições permanentes, foi considerada arrojada na época, pois exigia a manutenção de um corpo técnico competente para o êxito do negócio. O projeto também previa a instalação de alguns poucos tanques de água doce, para exibição de peixes e répteis de rios e lagos.

A construção do Aquário santista iniciou-se em 1943 e se prolongou por

mais tempo do que o esperado, só ficando pronto em 8 de maio de 1944. O primeiro médico-veterinário do Aquário Municipal foi Joaquim de Moraes.

### **Primeiro no Guiness**

Com 1.000 m<sup>2</sup> de área e 50 tanques, o Aquário Municipal de Santos foi o primeiro e maior do gênero no Brasil, figurando como tal no Guiness Book de Records, em 1995.

### Ampliações

O Aquário Municipal de Santos foi ampliado duas vezes: Em 1997, quando foram desmontados alguns tanques para a construção de um auditório e para garantir mais espaço ao setor técnico; e em 2004, quando ganhou a cara atual, sendo reaberto em 26 de janeiro de 2006,

com a presença do Governador Geraldo Alckmin.

### Mascotes

Os pinguins e as tartarugas sempre encantaram os visitantes do Aquário. Mas as grandes estrelas eram, de fato, os leões e lobos marinhos que, via de regra, se tornavam os mascotes oficiais do espaço, como Macaé, que viveu ali por 22 anos (1973-1995) e seu sucessor, Macaezinho, que reinou soberano de 1995 a 2011, substituído por Abaré, o atual astro do pedaço.

### **Painel Wyland**

Em 2008, o renomado artista plástico americano Robert Wyland pintou um de seus "Whaling Wall" no Aquário santista, o 98º mundial e o primeiro na América do Sul

### Palacete Aranha Rezende Gênese da transformação urbana santista





À esquerda, as palmeiras frontais ao majestoso Palacete Aranha, uma das mais luxuosas e imponentes residências da história de Santos. Foto de 1902, de José Marques Pereira. s riquezas resultantes da comercialização do café pelo Porto de Santos transformaram a cidade, gradativamente, a partir do final da década de 1860. A até então pequena comunidade praiana e portuária, logo se tornaria uma das cidades mais belas do Estado de São Paulo.

Antes da chegada da ferrovia (que foi a mola propulsora do desenvolvimento econômico local), a classe mais abastada de Santos vivia em grandes sobrados situados na antiga rua Direita (atual XV de Novembro) ou na Santo Antonio (rua do Comércio). Com o aumento significativo das atividades comerciais e portuárias após a instalação da linha férrea São Paulo-Santos, os mais ricos passaram a

ocupar os lados do Paquetá, onde construíram residências de porte luxuoso, dignas dos grandes barões de café do interior.

Na esquina do Novo Caminho da Barra (atual Conselheiro Nébias) e a General Câmara, o empresário do café Pedro de Souza Aranha, da firma Aranha, Irmão & Moraes, foi responsável pela construção, em 1889, do primeiro palacete da cidade, que ficou conhecido como o "Palacete das Palmeiras". O empreendimento determinou uma nova era na urbanidade local, onde os mais abastados passaram a erguer enormes casas isoladas em terrenos de grande dimensão (ao contrário dos sobradões coloniais do Centro. sempre bastante unidos).

No Palacete das Palmeiras nasceu a poetisa Maria José Aranha de Rezende, que ali morou por muitos anos com seus pais e irmãos. A casa também chegou a ser ocupada pelo jornalista e poeta Vicente de Carvalho e sua mãe Augusta Bueno de Carvalho.

A partir dos anos 1920, os grandes empresários da cidade descobriram a orla praiana e para lá migraram. Como consequência, o Paquetá entrou em decadência e o belo Palacete Aranha acabou virando sede, por 18 anos, do Centro de Saúde do Estado. Logo depois seria demolido para dar lugar a uma empresa refinadora de açúcar. Encerrava ali mais um dos capítulos da história santista e uma das mais belas residências da cidade.

### Os tesouros de Artacho Jurado





O Verde Mar (ao centro) em fotos nos anos finais da década de 1950. Prédio era um luxo na cidade.

orla da praia, cartão postal da cidade santista, reserva algumas curiosidades no lado oposto ao do jardim. Duas delas levam a assinatura de um dos mais importantes arquitetos da história do país: Artacho Jurado.

São dele os projetos dos edifícios Verde Mar e Enseada, duas obras primas da arquitetura dos anos 50, que refletiu os sonhos hollywoodianos do pós-guerra em uma mistura de estilos e linguagens: o moderno, o nouveau, o déco e o clássico.

### **Edifício Verde Mar**

Localizado na Avenida Vicente de Carvalho, 6, foi inaugurado em 1957. A obra privilegiou os espaços de convivência, em áreas dotadas de grande requinte, como no amplo e belo terraço (solarium) panorâmico, jardim de inverno, salão de festas, bar, sala de esportes, sala para crianças com playground, além de belo jardim de entrada, que significavam novidades de luxo para a época. Quando inaugurado, houve grande e concorrida festa, com direito à orquestra em traje de gala e garçons com luvas brancas. O prédio foi finalizado com 168 apartamentos.

### Edifício Enseada

Localizado na Avenida Bartolomeu de Gusmão, 180, na Ponta da Praia, possui 228 apartamentos, distribuídos em 15 andares, uma marca impressionante para os anos 1950, quando as obras se iniciaram. Jurado privilegiou as áreas comuns, ou de convivência, uma vez que acreditava na interelação de seus moradores. O Enseada é até hoje o condomínio de maior área comum em Santos. O

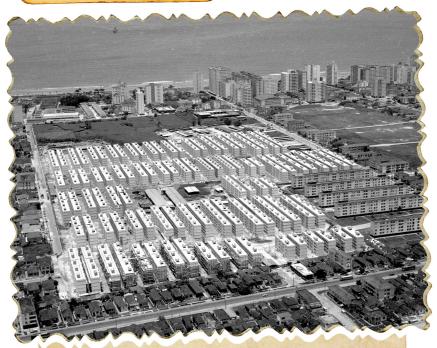
prédio possui impressionantes 11 elevadores. Na área de lazer para os condôminos, oferece salão de estar com sofás e poltronas de rico acabamento, jardins de entrada e central e jardim de inverno com fonte, visualizado através da parte dos fundos de todos os apartamentos.





### Conjunto Castelo Branco - BNH Aparecida Embrião do sistema mutuário na América Latina





Nesta imagem aérea, do início dos anos 1970, é possível compreender a dimensão territorial do famoso Conjunto Habitacional Castelo Branco, o popular BNH da Aparecida.

final dos anos 1960, Santos foi abrigar a primeira experiência habitacional popular do Banco Nacional de Habitação (BNH), entidade criada em 1964 para financiar empreendimentos imobiliários pelo Brasil. A decisão foi motivada pela reivindicação dos operários da Baixada Santista, em especial os operários do Pólo Petroquímico de Cubatão e do Porto de Santos, que formaram uma cooperativa para viabilizar o empreendimento.

O primeiro passo foi a aquisição da área, de 146,2 mil metros quadrados, no bairro da Aparecida, pertencente ao Instituto Nacional de Previdência Social (INPS), que em outros tempos abrigava a pista de corrida do extinto Jóquei Clube de Santos.

As obras começaram em 1967, a cargo das construtoras Ecel e Guarantan e sob a supervisão do Instituto Nacional de Orientação às Cooperativas (Inocoop).

O projeto do Conjunto Residencial ficou a cargo dos arquitetos Oswaldo Correa Gonçalves e Paulo Buccolo Ballario. O plano contemplava a construção de 97 prédios de quatro pavimentos, totalizando a oferta de 3.288 apartamentos, sendo 208 de um quarto e demais dependências; 1.600 com dois quartos; 912 com três; e 568 com três quartos mais espaçosos, que foram rotulados como "Plano 4" (um quarto poderia ser transformado em dois).

O conjunto, que recebeu o nome do ex-presidente Marechal Castelo Branco, foi inaugurado em 1970. No início, ele formava um só bloco, com um síndico responsável por todos os 97 prédios. Mais tarde foi dividido em 12 blocos - Argentina, Chile, Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana Francesa, Guiana Inglesa, Paraguai, Peru, Suriname, Uruguai e Venezuela - cada qual com seu síndico.

Hoje, passados mais de 45 anos de existência, o BNH da Aparecida, como é conhecido por todos, é uma das áreas mais densas da cidade, e dona de histórias pessoais únicas, que ainda são contadas nas esquinas e guardadas com carinho na memória de muitos santistas.

### Bolsa do Café Tesouro no Centro de Santos

ocalizado no antigo "Quatro Cantos", área nobre do Centro, o prédio da Bolsa Oficial de Café se deparava de um lado com o coração financeiro da cidade e do outro com o próprio porto, onde ocorriam os embarques do precioso "ouro verde", como eram apelidados os grãos crus de café.

A Companhia Construtora de Santos, do engenheiro Roberto Cochrane Simonsen, cuidou do projeto e das obras. A construção da Bolsa de Café entrou na agenda nacional das solenidades referentes ao Centenário da Independência. Por isso, as obras se aceleraram para que a inauguração do grande edifício ocorresse em 1922.

**O prédio** - Construído em estilo eclético, a Bolsa do Café possui influências de vários estilos ar-

quitetônicos, apresentando três fachadas independentes. A obra foi marcada pela diversidade de origem dos materiais empregados na construção: cimento e ferros da Inglaterra; telhas e pisos da França; mármores da Itália, Espanha e Grécia; e ladrilhos da Alemanha.

O visual do interior do Palácio da Bolsa de Café surpreende os visitantes pelo requinte e qualidade do acabamento, sobretudo no grande Salão do Pregão, decorado ao fundo por uma das principais obras do renomado pintor Benedito Calixto (A fundação da Vila de Santos). Outro destaque decorativo é o imenso vitral "A epopeia dos Bandeirantes", do mesmo artista.

Como Bolsa Oficial de Café, funcionou até os anos finais da década de 1970. Em 1981 o imóvel foi tombado pelo Conselho do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo (Condephaat); em 1991, pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Santos (Condepasa) e em 2009 pelo Conselho Consultivo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

**O Museu** - Criado em 25 de setembro de 1998, tem sua manutenção até os dias de hoje compartilhada pela Associação Amigos do Museu dos Cafés.

Para que o local se tornasse uma vitrine da diversidade do café brasileiro, foram criadas diversas ações, entre elas a disponibilização de uma cafeteria, que oferece café a partir de grãos cultivados em várias regiões do país.





### Cadeia Velha (Antiga Casa de Câmara) e suas histórias Um patrimônio cultural santista





A Cadeia Velha testemunhou grandes fatos da história e se moldou como símbolo da resistência artística e cultural de Santos. Em breve estará com sua energia revigorada, para muitos anos de serviço à comunidade

onhecida originalmente como Casa de Câmara e Cadeia. a "Cadeia Velha" teve sua construção iniciada em 1839 no antigo Campo da Chácara (atual Praça dos Andradas). Foram necessários cerca de 30 anos para que fosse concluída. Em 1865, ela abrigou as tropas brasileiras que partiam para a Guerra do Paraguai. Em 1866 e instalou-se nela o Fórum e seu Tribunal de Júri.

Em 1870, passou a funcionar como a Cadeia de Santos, com oito celas. Assim foi por mais de 80 anos.

Em 15 de novembro de 1894, o prédio testemunhou a promulgação da primeira e única Constituição Municipal de Santos.

Visita Imperial - O imperador D. Pedro II e sua esposa, Teresa Cristina, visitaram o prédio por duas vezes (em 1876 e 1878). Em 1888, foi a vez da Princesa Isabel e seu marido, o Conde D'Eu, no mesmo ano da assinatura da Lei Áurea. Como homenagem da cidade à princesa, as autoridades santistas batizaram o recinto de sessões da Câmara com o nome "Salão Princesa Isabel", preservado mais tarde nos Casarões do Valongo e no Paço Municipal.

Com a transferência da Câmara de Santos para os Casarões do Valongo, o local passou a abrigar apenas o Fórum, a Cadeia e algumas delegacias de polícia, até 1956.

Ouase demolido - Na década de 1950, houve um movimento para demolir a Velha Cadeia, apontada como "uma velharia que envergonhava a cidade". Mas a corrente não vingou e, em 10 de dezembro de 1957, a Prefeitura de Santos tentou instalar no local um Museu Histórico e Pedagógico, consagrado ao culto dos Andradas.

Em 1959, o prédio foi tombado pelo Iphan, por ser "uma das primeiras expressões arquitetônicas das novas ideias da organização do Brasil como unidade independente".

A partir de 1981, passou a abrigar manifestações culturais que a transformaram num símbolo de resistência artística. Até hoje é assim!



# Colégio Canadá :: Gymnásio do Estado Tradição de 80 anos no ensino público





O Canadá, ou Ginásio do Estado, cujo prédio faz 80 anos, ganhou esse nome em homenagem ao país sede da maior companhia da cidade, a The City of Santos Improvments. u dos mais colégios da cida-**†**u dos mais tradiciode de Santos, o Canadá, completa este mês de agosto de 2017, a marca de 80 anos de idade. Conhecido inicialmente como Gymnásio do Estado, foi criado desta forma pelo Decreto 6.601, de 11 de agosto de 1934, durante o governo de Armando Salles de Oliveira. A instituição, então, passou a funcionar em uma casa na avenida Ana Costa e logo depois ocupou uma pequena parte no andar térreo do Grupo Escolar "Dr. Cesário Bastos". Foi guando, em agosto de 1937 transferiu-se para o prédio atual, construído pela Prefeitura de Santos em um terreno cedido pela Companhia City of Santos Improvments que, na época, tinha

sua sede no Canadá. Daí a homenagem de rebatizar a escola com o nome daquele país norte-americano.

Nas décadas de 1950 e 1960, o Canadá mantinha elevado padrão de ensino, nivelando-se às melhores escolas particulares. Seus professores eram considerados os mais rigoroso da cidade e, normalmente, eram os autores dos livros didáticos utilizados em sala de aula. Na seleta lista de docentes, havia grandes nomes, como o de Sylvio Andraus, professor de Matemática e Edésio Del Santoro. O colégio ingressava novos alunos apenas pelo sistema de vestibular, com obrigatoriedade do conhecimento de línguas, como o francês e o latim.

Em 1957, o então governa-

dor Jânio Quadros transformou o Colégio Canadá em Escola Normal.

Em março de 1992, a escola foi escolhida pelo Governo do Estado para iniciar um programa inédito chamado "Escola-Padrão". Em 1994, o colégio reunia cerca de 1800 alunos, que estudavam em três períodos.

Em 1998, o colégio passou por ampla reforma, depois de diversas denúncias formuladas pelos grêmios estudantis.

No ano 2000, o Canadá introduziu a informática em seu currículo, instalando um laboratório apropriado, com cinco microcomputadores. Este ano marcou também a criação da Associação dos Ex-Alunos, iniciando sua atuação com 30 integrantes.



### Os Casarões Gêmeos do Valongo





A Prefeitura e a Câmara de Santos ficavam abrigadas no bloco da esquerda (do lado do porto), entre 1896 e 1939. Foto de José Marques Pereira, do acervo da Fundação Arquivo e Memória de Santos (Fams). onstruídos entre 1867 e 1872, pelo comendador Manoel Joaquim Ferreira Netto, os casarões do Valongo abrigaram várias comissárias de exportação, até que, em 1896 passou a ser o endereço da Câmara Municipal, mais tarde da Intendência e da Prefeitura de Santos, que ali ficou até 1939, quando se transferiu para a Praça Mauá.

Os casarões também chegaram a abrigar a segunda sede do famoso Clube XV. De 1929 a 1937, receberam a primeira faculdade de Farmácia e Odontologia da cidade.

Embaixo da Câmara ficava a Zerrenner, Bülow & Cia., importadora de máquinas industriais e matéria prima para a Companhia Antarctica Paulista, Os sócios Antonio Zerrenner e Adam Dietrik von Bülow, eram acionistas da cervejaria e principais credores. Eles haviam assumido o controle da empresa cervejeira em 1893, tornando-se donos absolutos da famosa Antarctica Paulista até o ano de 1940.

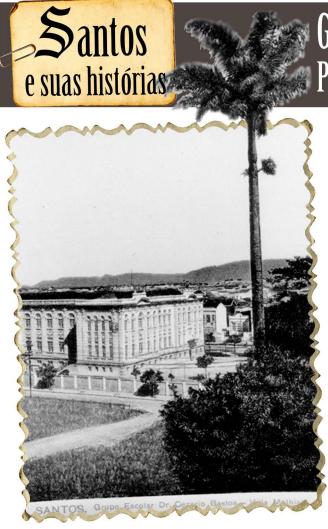
**Decadência -** Com a mudança dos poderes municipais para a Praça Mauá, os prédios acabaram sendo ocupados por escritórios, bares e hotéis, de 1940 a 1976. Com o passar dos anos, os casa-

rões viveram um período de decadência, junto com toda a área do Valongo. Incêndios ocorridos em 1985 e 1992 deixaram a edificação em ruínas.

### Museu Pelé

Após anos de abandono, as ruínas dos casarões do Valongo voltariam à vida com a recuperação do espaço para a construção do Museu Pelé, inugurado recentemente.

O imóvel é tombado pelo Condephaat (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo) e Condepasa (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico e Cultural de Santos).



# Grupo Escolar Cesário Bastos Primeira Escola Pública de Santos



riado por Decreto Estadual em 28 de abril de 1900 e instalado no dia 13 de outubro do mesmo ano, o Grupo Escolar Cesário Bastos (batizado em homenagem a um importante senador, natural de São Vicente) foi instalado originalmente em uma casa cedida pelo benemérito santista Júlio Conceição, na rua Braz Cubas, esquina com rua Sete de Setembro e Senador Feijó.

Em 25 de agosto de 1907 foi autorizada a construção da nova edificação, num amplo terreno na Vila Mathias, ao lado da estação dos bondes. As obras foram concluídas em 1º de janeiro de 1914, porém só em 24 de abril de 1916 é que as aulas começaram a funcionar no novo prédio.

O projeto arquitetônico do Cesário Bastos chegou a servir de modelo para a instalação de outros grupo escolares em São Paulo, graças às suas características únicas, com tapagens onduladas em vidro colorido indiano, sustentada nos vãos maiores por colunas de ferro, que se harmonizam com o desenho do piso em ladrilho hidráulico. As escadarias foram feitas em mármore branco e os corrimãos em madeira de lei e ferragens importadas da Inglaterra.

Com o crescimento da cidade, o Cesário Bastos se tornou a maior escola da região e uma das maiores do Estado de São Paulo. Em 1947, o colégio implantou um programa de ensino cívico, criando a figura da Prefeitura Escolar, tendo inclusive eleição para o cargo de prefeito.

O prédio passou por várias reformas, sendo as mais importantes em 1935, 1980 e 1995.

Em 25 de janeiro de 1992, data de aniversário da cidade, o prédio do Cesário Bastos foi tombado pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico de Santos (Condepasa). A Associação de Pais e Mestres era quem conseguia promover a manutenção do prédio, bancando pequenos reparos. Porém, implorava por uma grande reforma, que só veio a acontecer em 1995.

Ainda na década de 1990, a Diretoria de Ensino da Região de Santos (DERS) passou a ocupar espaço no prédio, utilizando classes ociosas e brecando as possibilidades de recuperação do colégio. Com isso, outras classes foram fechando ao longo dos anos. Em 2002, as aulas noturnas foram extintas.

Depois de muita negociação com a Universidade de São Paulo, finalmente, em 2012, a instituição universitária paulista transferia da capital para Santos, o curso de Engenharia de Petróleo da Escola Politécnica da USP. Há planos para aumentar a área universitária no local, passando de 5 mil para 20 mil metros quadrados.



### Teatro Coliseu Palco de pioneirismos e muita arte





Imagem do Coliseu na década de 1950, quando o cinema era a principal atração local. Algumas lojas começavam nesta época a ocupar alguns espaços no térreo.

Inaugurado em 1897 como um velódromo 🗲 (pista de corrida para bicicletas), funcionou assim até 1903. Dois anos depois foi comprado por Francisco Serrador Carbonell, um dos introdutores do cinema no Brasil, que ali mandou instalar uma tela e palco para encenações teatrais. Nominado Colyseu Santista, foi inaugurado em 23 de julho de 1909. O espaço passou a receber renomados artistas, nacionais e internacionais, assim como abrigou animados bailes de Carnaval.

Em 1923 foi vendido para o empresário santista Manuel Fins Freixo, também do ramo do cinema, que não se contentou com o velho espaço acanhado e mandou reformá-lo. Após um ano de obras, inaugurou-o em 21 de junho de 1924 (a arquitetura atual). Com excelente acústica, ricos lustres de cristais, finíssima pintura filetada, escadarias de mármore, cortinas de veludo, plateia em aclive, amplo hall com colunas de granito e imponente fachada, o novo espaço era tão majestoso, que sua fama correu pelo país, sendo classificado entre os melhores do Brasil.

Inovação - O Coliseu foi palco da estreia do cinema falado em Santos, em 28 de setembro de 1929. Daí em diante, a sétima arte tomou conta da maior parte das atrações do lugar. Na década de 1950, os filmes ocupavam muito mais espaço na agenda do Coliseu do que as ence-

nações teatrais.

Com a redução da capacidade cênica do teatro, Freixo retalhou o hall de entrada do teatro, construindo lojas comerciais com frente para as ruas Amador Bueno e Braz Cubas. Essas mudanças marcam o início da decadência do Coliseu, que passou a exibir filmes e shows pornográficos a partir da década de 1970.

Em setembro de 1992, o Coliseu foi declarado de Utilidade Pública. Dois anos mais tarde foi dado início às obras de restauração, para devolver as belezas originais do velho teatro. As obras se arrastaram por doze anos. Somente em janeiro de 2006 é que o Coliseu reabriu as portas, para até hoje oferecer seu brilho aos santistas.



### Teatro Guarany Palco de grandes fatos históricos





O Teatro Guarany, em postal do começo do século 20. Dentro de suas paredes, grandes fatos históricos tiveram eco em todo o páis, como nas lutas pela abolição da escravatura e pela proclamação da República. egundo teatro mais antigo da cidade, o Guarany (1882), foi erguido com recursos doados por grandes empresários do café. Sua obra durou dois anos até que, em 7 de dezembro de 1882, abriu as portas para o público santista, que assistiu, na estreia, as peças *Mário*, de Eduardo Cadendu, e *Lucrécia*, ambas apresentadas pela Companhia Recreio Dramático da Corte.

O maior destaque da inauguração, porém, foi a apresentação, durante o intervalo, da orquestra regida pelo maestro Luiz Arlindo da Trindade, que executou peças do compositor brasileiro Carlos Gomes, abrindo a apresentação com a sinfonia "O Guarani".

O garboso teatro não ocupava, na vida santista, apenas o papel de espaço de entretenimento. Seu palco foi também cenário de grandes e importantes manifestações de ordem política e social, especialmente nas campanha abolicionistas e republicanas. Negros escravos chegaram a ser libertados, depois de participarem das peças teatrais no Guarany.

### Decadência

Com o advento do segundo Teatro Coliseu, em 1924, o Guarany ficou obsoleto, uma vez que não dispunha dos avançados recursos técnicos que a concorrência oferecia. Desta feita, caiu em decadência até que, a partir dos anos 1960, transformou-se em cinema de baixa categoria, como também palco para sessões de strip-tease, frequentado por prostitutas e clientes da zona do mere-

trício santista.

Em 14 de fevereiro de 1981 um incêndio encerrou definitivamente as atividades do velho prédio. O sinistro foi tão grave, que só a fachada sobreviveu.

### Ressurgimento

Por mais de 20 anos as ruínas do Guarany envergonharam a cidade. Alvo de disputas judiciais, o velho teatro acabou desapropriado pela Prefeitura de Santos, em 2003. Graças aos recursos privados incentivados pela Lei Rouanet, o Guarany foi resgatado. No dia 7 de dezembro de 2008, um dos templos culturais mais importantes da cidade reabriu suas portas, não só para as artes puras (teatro, música, literatura), mas também para servir de foro de discussão aos temas importantes da sociedade.



# Estação de Trem do Valongo





A Estação de Trem do Valongo (A Ingleza) é considerada a mais antiga do Estado de São Paulo, inaugurada em 16 de fevereiro de 1867. Por ela passou grande parte da riqueza do país e milhares de imigrantes.

naugurada em 16 de fevereiro de 1867, ou completando seia. 150 anos em 2017, a Estação de Trem do Valongo é a mais antiga do Estado de São Paulo, ponto final da estrada inglesa São Paulo Railway, concebida sob os auspícios da genialidade do Barão de Mauá e concluída pelas mãos hábeis dos ingleses, que a exploraram comercialmente até 1946.

Projetada simples, como os velhos prédios de uma Santos ainda marcada pela arquitetura colonial, a edificação ganhou, a partir de 1895, ares aristocráticos, com forte influência vitoriana, com destaque para a figura dos leões, que representam o poderio britânico no mundo. Uma peculiaridade da edificação é que ela é a única construída em Santos com telhado próprio para neve, muito comum na Europa. Essas mansardas culminam com varandins de ferro, mesmo material das colunas do térreo, a sustentarem, solidárias, cobertura dianteira que avança na fachada para abrigar o viajante, faça chuva ou faça sol. Nesta época também recebeu duas torres e um relógio, símbolo da pontualidade inglesa.

### Investimento estrangeiro

Após o Barão de Mauá obter, em 1856, concessão do Governo Imperial para a viabilização da estrada de ferro, ele tornou-se um dos maiores acionistas da empresa. Porém, antes da conclusão da obra, Mauá endividou-se com banqueiros ingleses, vendo-se obrigado a transferi-la totalmente para as mãos da São Paulo Railway, que a administrou até 1946. Pela ferrovia foi escoado o café e a maior parte da riqueza que ajudou a construir São Paulo e o Brasil, além da maioria dos imigrantes que aqui chegaram.

Desativada em 1996 com a extinção do transporte de passageiros, a estação permaneceu fechada e sem uso por vários anos, até que foi comprada pela Prefeitura de Santos que, em 12 de maio de 2003, deu início aos serviços de recuperação. Ela foi reinaugurada em 23 de janeiro de 2004 e logo depois passou a abrigar a Secretaria Municipal de Turismo (Setur), que lá permanece até hoie.



## Hotel Internacional do José Menino Glamour nas areias da praia santista





Hoje, no lugar do imponente prédio, existe um conjunto de prédios pé na areia. Nsta foto, de cerca de 1900, é possível ver a fachada de frente para o mar, onde também pode-se ver algumas cabines de banho.

gente acha o primeiro Lhotel da orla santista foi o antigo Parque Balneário, surgido bem no início do século 20, quando a atividade hoteleira da cidade basicamente se concentrava no atual Centro Histórico. De fato, o Balneário, cuja história se iniciou em 1904, foi um hotel que marcou a memória de Santos, tanto por suas dimensões, como por seu requinte. Porém, os ventos marítimos conheceram outra magnífica instalação hoteleira, pioneira no Estado de São Paulo, que facilmente impressionou os primeiros turistas em passagem pela cidade santista. Este lugar se chamaya Hotel Internacional do José Menino.

Construído em 1894, obra de Estanislau Amaral, foi aberto ao público logo no ano seguinte. A localização, junto à praia, defronte à Ilha de Urubuqueçaba, chamava a atenção, assim como seu glamour. O prédio foi projetado com duas fachadas: Uma que dava de frente às linhas de bonde, ainda puxadas por tração animal, e a outra para o mar. O lugar era isolado e rodeado de jardins. Oferecia, ainda, aos seus hóspedes, muitos deles membros da elite paulistana, salas de música, de leitura, de conversação, de bilhar, fumoir (área de fumantes), além do boudoir das damas (cômodo pequeno onde as mulheres ficavam em seus momentos de descanso e meditação). Junto ao edifício havia ainda pista de patinação e cabines para alugar calções (isso mesmo! E naquela época os calções eram enormes!). O hotel santista seguia, enfim, os padrões europeus de estações balneárias marítimas, como Brighton e Bath. Era superchique.

Em 1906 o empreendimento fora vendido a Elisa Poli e passou a se chamar Grande Hotel Internacional, iniciando ali um período de festas e concertos.

Por alguns anos o Internacional ocupou o papel de hotel mais charmoso da cidade, até ser trocado pelo Parque Balneário. As atividades do Hotel Internacional pararam em 1956, justamente quando foi desapropriado pelo município, para sua demolição.



### Basílica Santo Antônio do Embaré Templo gótico na orla da praia santista





Basílica Menor de Embaré, em foto da década de 1920, quando ainda reinava imponente, sem a vizinhança gigante dos prédios da orla.

Basílica Menor de Santo Antônio do Embaré surgiu como uma pequena capela, em 1875, construída por ordem de Antonio Ferreira da Silva (o Visconde do Embaré), na chácara de sua propriedade, frontal à orla da praia da Barra. Após a morte do emérito santista, em 1887, a capela passou por um processo de degeneração, até que, em 1910, foi reformada.

Nos anos seguintes, com o aumento de residências na região da orla, viu-se a necessidade de ampliar o templo, a fim de atender a demanda de novos fieis. Assim, com a ajuda das damas da sociedade emergente, iniciou-se uma série de ações no sentido de coletar donativos junto

às famílias mantenedoras de palacetes e casarões de veraneio. Com o dinheiro arrecadado, a capela passou por ampla reforma, num projeto assinado por Maximiano Hehl (o mesmo da Catedral de Santos e do Castelinho dos Bombeiros).

Construída em estilo gótico, o templo contemplou pequeninas ogivas e rosáceas, além de uma torre de vinte metros de altura. Em 1915, ao final das obras, a capela passou a ter vinte e três metros de comprimento por seis metros de largura. Na frente destacava-se, em pequeno nicho, o orago Santo Antonio, colocado por cima da rosácea central, com vidros e vitrais da famosa casa Conrado Sorgenicht.

### Igreja dentro da outra

Duas décadas mais tarde, o lugar voltou a sofrer nova ampliação, desta vez numa obra bastante curiosa. Iniciada em 13 de julho de 1930, o futuro templo surgindo em torno da antiga capela, como uma igreja dentro da outra. Em abril de 1931, ela já estava revestido de novas torres e. em 1934, foi a vez de inaugurar o altar-mor. As obras se arrastaram por anos, sendo concluídas apenas em 1946.

Em 1953, o templo foi elevado à categoria de Basílica, a primeira de Santos. Em 1956, a municipalidade ofereceu de presente uma estátua de Santo Antônio, instalada defronte ao prédio, que está lá até os dias de hoje.



### **Matadouro Municipal** e suas histórias No tempo das estouradas de boi na ZN





Cena da inauguração do Matadouro Municipal, em 1916. Considerado um dos mais bem equipados do país, seu prédio hoje abriga uma unidade cultural do Sesi, na Zona Noroeste de Santos.

ouve um tempo, quando a atual região da Zona Noroeste de Santos era praticamente uma imensa área rural, em que a cena mais comum aos poucos moradores locais era o trânsito de gado em direção ao maior e mais bem equipado matadouro do litoral. E nada incomum, vez em quando, alguns dos animais se "insurgirem" contra seus algozes, iniciando verdadeiras estouradas, para alegria das crianças, testemunhas festivas da fuga dos bois até locais como o Saboó, como já registrado na memória santista.

O Matadouro Municipal foi criado na década de 1910, para atender a demanda crescente de uma cidade que se expandia a olhos vistos,

geograficamente e demograficamente. Quanto mais gente, maior a necessidade por proteína na mesa, combustível para os operários que movimentavam, por exemplo, o maior porto da América Latina.

A grande novidade do Matadouro de Santos eram as câmaras frigoríficas à seco, que ofereciam às classes de menor renda a possibilidade do consumo de produtos de melhor qualidade com menor preço. Com o processo inovador, a carne perdia sua umidade exterior, mas conservava no interior dos tecidos os princípios vitais necessários à nutrição humana.

Durante anos, toda a carne consumida na cidade santista provinha do Matadouro da Zona Noroeste. Porém, com o tempo, a região passou a ser alvo de ocupação, primeiro abrigando chácaras e depois núcleos residenciais. Assim, aos poucos, o equipamento se viu incorporado a um cenário urbano, ficando incompatível sua convivência com a crescente população local.

Com a chegada da Rodovia Anchieta e avanço do transporte frigorificado, já havia a possibilidade de trazer carne mais barata de outras cidades do Estado, trazidas diretamente das fazendas de gado do interior. Era o fim do Matadouro, que fechou as portas em 11 de abril de 1973.

Nos anos 1980, o Sesi passou a ocupar suas dependências, tornado o lugar uma nobre área cultural.



### Teatro, Cassino e Recreio Miramar e suas histórias O Palácio Dourado do Boqueirão





O exuberante Miramar foi teatro, cassino, cabaret, sala de cinema e área de lazer completa, com rinque de patinação e salões de jogos. Era, de fato, o maior centro de diversões da América do Sul no início do século 20.

'Um dos espaços de lazer mais badalados de Santos, entre 1896 e 1939, era o Recreio Miramar, inaugurado em 12 de janeiro na praia do Boqueirão. Conhecido por ser "O Major Centro de Diversões da América do Sul". era um complexo de encher os olhos, dada a variedade de atividades que oferecia. O Miramar foi responsável por tirar do Centro alguns dos principais eventos de lazer da cidade, inclusive os bailes de Carnaval. Já em 1897, as "Batalhas a Confetti", ocorridas nas alamedas do espaço atraíram a nata da juventude e da sociedade santista para o local. O Palácio Dourado do Boqueirão (outro apelido do Miramar) era atração em todo o estado de São Paulo, pois, além de pro-

mover festas inesquecíveis, mantinha um excelente hotel, rinque de patinação, espaço para shows musicais (Music Hall), Cine-Teatro (onde aconteceu, inclusive a primeira exibição de cinema da história de Santos) e o Cabaret Cassino, onde centenas de pessoas disputavam a sorte em mesas de bacará e na roleta. Até corso automobilístico o Miramar organizou em suas dependências!

O Miramar também tinha um bom trabalho de marketing e divulgava suas maravilhas pelo estado. O lema do Recreio era "Vá ao Miramar, indo a Santos, ainda mesmo que chova!"

Até o fim do Miramar foi feito em grande estilo, com o Carnaval de 1939, promovido em parceria com o Santos Futebol Clube, No.

salão do antigo cassino, um imenso lustre, em rotação, espalhava pelo ambiente miríades de estrelas cadentes, como que dando adeus a uma era de glória e muito brilho.

### Outras curiosidades

No Miramar aconteceram fatos marcantes para a história de Santos, como o fato de ter ali ocorrido a primeira exibição de cinema na cidade, em junho de 1897.

O lugar também testemunhou a primeira transmissão radiofônica do litoral paulista, promovida pela Rádio Clube de Santos, em 1923.

O Miramar ficava no espaço hoje ocupado pelos edifícios São Domingos, Jangada e Caiçara, na Avenida Conselheiro Nébias com a praia.



### Monumento aos Andradas Símbolo da Independência Nacional





O monumento, inaugurado em pleno centenário da Independência do Brasil, foi objeto de concurso internacional. Onze propostas foram apresentadas, sendo a vencedora a dos franceses Sartorio e Castel

iberdade. Ao lado da "Caridade", são dois elementos que definem a essência de Santos, terra onde surgiu a primeira Santa Casa de Misericórdia do país, e berço de um dos maiores nomes da história brasileira: José Bonifácio de Andrada e Silva. Cientista, mineralogista, estadista, o ilustre santista conquistou a admiração do mundo, com suas ideias, projetos, ousadias e conselhos. Artíficie da liberdade do Brasil, conquistada em 1822, por pouco não logrou êxito no seu intento de fazer de Santos o palco do brado da Independência. Não fosse uma inesperada decisão do Príncipe Regente, D. Pedro de Alcântara, em voltar para São Paulo naquela manhã de

7 de setembro, muito provavelmente o cavaleiro correio da Coroa, Paulo Bregaro, o tivesse alcançado na cidade de Bonifácio e aqui se indignaria diante do conteúdo das cartas enviadas pela Corte Portuguesa, assim como se dobraria aos conselhos de seu fiel ministro, Bonifácio, e sua esposa, princesa Leopoldina, que clamavam pela decisão de tornar o Brasil livre das amarras de Portugal.

Não foi Santos o palco da Independência, mas aqui foi erigido um dos monumentos mais importantes da Liberdade Nacional, dedicado aos irmãos Andradas, tendo como figura central José Bonifácio, ladeado de Antonio Carlos e Martim Francisco. Repleto de simbolismos, o desenho do monumento foi motivado por concurso internacional, vencido após grande disputa pelos franceses Antoine Sartorio (escultor) e Gaston Castel (arquiteto). Ambos contaram com a providencial ajuda do historiador brasileiro Affonso d'Escragnolle Taunay. A construção ficou a cargo da Companhia Construtora de Santos, então uma das mais influentes do país.

Foi inaugurado com pompa e circunstância no dia 7 de setembro de 1922, pelas mãos do presidente (governador) do Estado de São Paulo, Washington Luiz, em evento que contou com grandes festejos e a presença maciça do povo santista, tão acostumado à liberdade e à caridade.



### De Escola de Marinheiros a Museu de Pesca





A edificação da Ponta da Praia nasceu como escola em 1909. Em 1942, o Gabinete de História Natural ganhou status, espaços e se tornou no Museu de Pesca que conhecemos hoje. uem não se encanta com o belo prédio onde está abrigado o Museu de Pesca? No passado distante, aquele lugar foi ocupado por uma fortaleza. Sim, o Forte Augusto, ou da Estacada, que fazia tiro cruzado com a Fortaleza da Barra Grande, cuja construção se deu em 1734.

Foi no início do século XX, mais precisamente em 1909, que o local foi ocupado pelo edifício atual, de imponente arquitetura, construído para abrigar a Escola de Aprendizes Marinheiros, cuja missão era educar jovens adolescentes, através de instrução primária e de marinharia. Seus alunos, em tese, seriam

aproveitados como marujos da Armada Nacional. A escola era a única do gênero em todo o Estado e funcionou até o final de 1931, quando foi extinta por determinação do Governo Provisório da República.

A partir de 1932, o edifício tornou-se sede da Escola de Pesca do Estado de São Paulo e recebeu a denominação "Instituto de Pesca Marítima". Ali, os filhos dos pescadores da região recebiam educação gratuita, através de cursos vocacionais e profissionais. Os cursos encerraram suas atividades na década de 1950. Foi aí que surgiu a ideia de se montar um espaço museológico, aproveitando

o material remanescente do Museu de História Natural, que funcionava anexo ao Instituto. A maior estrela, até hoje, do Museu de Pesca, a ossada da Baleia, é oriunda dos tempos em que esse departamento era conhecido como Gabinete de História Natural. Foi em 1942 que ocorreu a montagem do esqueleto de uma baleia que havia encalhado em uma praia de Peruíbe, litoral sul do Estado de São Paulo.

O museu adquiriu "status" de unidade funcional apenas em abril de 1969. Em 1998, o prédio teve a sua maior reforma concluída, apresentando um arrojado projeto de exposições.



### As múltiplas faces do Paço Municipal



sede da municipalidade, o Palácio José Bonifácio, reina imponente no centro de Santos desde 1939, quando foi inaugurado. É um prédio que impressiona santistas e visitantes, tanto por sua arquitetura como por sua história.

Mas você sabia que, por duas vezes, a cara da Prefeitura santista poderia ter sido diferente? E que o endereço poderia ser outro que não a Praça Mauá? Ou até que, ao invés das estátuas de Hermes e Minerva (que ficam na entrada do Paço), haveria esculturas de Braz Cubas e Martim Afonso de Souza, dando as boasvindas aos visitantes?

Está achando brincadeira? Não é, não! Antes de bater o martelo no projeto definitivo, os santistas discutiram por várias vezes como e em que local construir a sede da administração municipal. A ideia era se livrar, de uma vez por todas, do incômodo aluguel de um dos blocos dos casarões do Largo Marquês de Monte Alegre (em frente à Estação de Trem do Valongo), utilizado como sede da Prefeitura e da Câmara Municipal desde 1895.

A primeira tentativa de viabilizar o Paço aconteceu em 1903, quando a então Intendência Municipal abriu edital público para receber projetos arquitetônicos para a construção de uma edificação na área frontal ao Conjunto do Carmo (na atual Praça Barão do Rio Branco). Dez projetos foram apresentados, mas só dois foram escolhidos: O do engenheiro alemão Maximiliano Emílio Hehl, o mesmo que projetaria mais tarde a Catedral de Santos e o de seu conterrâneo

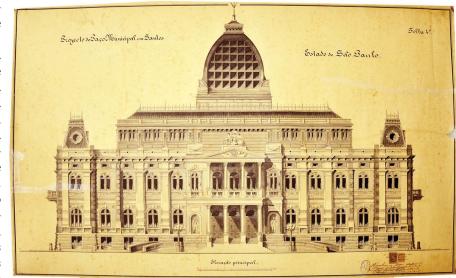
germânico Oscar Kleinschmidt, que impressionou a comissão julgadora pela suntuosidade da sua proposta. Ambos, porém, acabaram não viabilizados e o

sonho da mudança teve de ser adiado.

Em 1927, a municipalidade iá era dona da área defronte à Praça Mauá e. assim, mudara de ideia quanto ao local de sua futura sede. Naquele surgiu uma segunda proposta, um pouco mais simples que as apresentadas em 1903. Ainda assim, faltava "grana" para a coisa andar.

Só no ano de 1936 é que surgiu a proposta que, finalmente, sairia do papel para tomar vida e

fazer de Santos uma das poucas cidades brasileiras a ostentar um verdadeiro palácio como sede de seu poder executivo. O Palácio que todos conhecemos.



Projetado em 1903 pelo engenheiro alemão Oscar Kleinschmidt, esta Prefeitura ocuparia a Praça Barão do Rio Branco.

### Paço Municipal Um palácio dedicado ao Patriarca da Independência

FUNDAÇÃO ARQUIVO E MEMÓRIA

SE A N T O S

esde a criação da Prefeitura, em 1908, a cidade de Santos sonhou em possuir uma sede própria para o executivo municipal (ela ficava em imóvel alugado - os Casarões do Valongo - atual Museu Pelé). Muitos foram os projetos criados para tal objetivo. Ao final, coube ao engenheiro Plínio Botelho do Amaral o privilégio de escrever seu nome na história, como o idealizador do prédio, batizado como Palácio José Bonifácio de Andrada e Silva. Elaborado com linhas clássicas, com total influência da arquitetura francesa, a edificação apresenta, internamente, acabamento em mármore italiano e jacarandá, além de lustres de cristal da Bohêmia e vitrais com símbolos relacionados à Maconaria. O maior destaque do conjunto, a imponente Sala de Sessões da Câmara, foi batizado com o nome da Princesa Isabel, seguindo uma tradição desde 1888. Na inauguração do Paço, ocorrida em 26 de janeiro de 1939, a festa contou com a presença do então presidente do Brasil, Getúlio Vargas.

A edificação é repleta de simbolismos, percebidos quando a observação leva em conta, por exemplo, o passado filosófico e a importância histórica de José Bonifácio.

Na fachada, belíssimos candelabros de ferro e as estátuas de Hermes e Minerva, representando o comércio e a indústria, assim como a sabedoria e a municipalidade, implantadas posteriormente, obra do artista João Batista Ferri. Na parte interna, destaque para os vitrais com identificações técnicas,

que apontam a localização dos setores públicos. Neles, nota-se certa relação, que parece ser proposital, de alguns símbolos relacionados à Maçonaria, instituição de grande influência sobre Bonifácio e Dom Pedro I.

Para construir o prédio, a Prefeitura de Santos teve que contrair um empréstimo de grande valor, junto ao Bank of London & South America. O financiamento, de 2.260 milhões de libras esterlinas, foi obtido em 1936 e quitado somente em 2005.

O Palácio José Bonifácio foi construído sob influência da arquitetura francesa, mesma nação que também inspirou os preceitos de vida do Patriarca da Independência: Liberté, Egalité, Fraternité (Liberdade, igualdade, fraternidade)





### Palácio da Justiça "José Xavier Carvalho de Mendonça"





O Fórum foi projetado no estilo romano, com linhas modernas. Abrigou inicialmente quatro varas cíveis, quatro criminais e nove cartórios. No andar térreo, a sala do júri, "Ademar de Figueiredo Lira", toda revestida em madeira de lei.

té a criação da Comarca de Santos, em 1832, os <del>j</del>ulgamentos aqui eram realizados pelos "juízes de fora", que vinham de outras localidades para sentenciar os casos em nome da Coroa Portuguesa e, mais tarde, do Império Brasileiro. Quando finalmente se criou a comarca santista, o Fórum foi instalado no prédio da Casa de Câmara e Cadeia (perto da atual Praça da República). Em 1866, com a conclusão das obras da Cadeia da Praça dos Andradas (atual Cadeia Velha), para lá foram transferidas as atividades da magistratura local.

Com o passar do tempo, o espaço, que abrigava ainda a Câmara Municipal e as delegacias da cidade, acabou ficando pequeno e conturbado. Tornava-se necessário encontrar um espaço mais adequado ao funcionamento da Justiça em Santos.

Em meados da década de 1930, várias propostas surgiram para a instalação de um novo Fórum. Uma delas previa a construção do Palácio da Justiça na Praça dos Andradas, sendo que o projeto chegou a ser elaborado e até pedra fundamental foi lançada, em 1939. Contudo, a ideia acabou não vingando, muito em função dos altos custos da obra. Assim, o projeto foi arquivado, frustrando muita gente.

Foi então que a área onde estava erguida a edificação sede da Sociedade União Operária, na esquina da rua São Francisco e Braz Cubas, em plena Praça José Bonifácio, acabou escolhida, desapropriada e limpa. Logo depois, as obras do Palácio da Justiça foram iniciadas, em 2 de abril de 1950, com o lançamento da pedra fundamental. Porém, mais uma vez, por conta da escassez de verbas, as obras se arrastaram, mas não foram canceladas. Os santistas insistiram no projeto, que se arrastou por longos 12 anos, sendo concluído apenas em 1962.

O engenheiro responsável pela construção do Fórum foi Hernani do Val Penteado, o mesmo que projetara o Aeroporto de Congonhas.

Em 22 de outubro de 1962, o palácio, nomeado José Xavier Carvalho de Mendonça, finalmente era inaugurado, com grande festa na cidade.



### Pinacoteca Benedicto Calixto





O belo casarão da orla praiana é um raro remanescente dos palacetes construídos pelos ricos comerciantes de café do começo do Século XX.

Santos começou a se tornar uma cidade mais agitada, a partir da segunda metade do século XIX, as artes plásticas desembarcaram por aqui para servir à elite, onde pintores talentoeram contratados para produzir retratos de famílias. Foi o caso de Benedicto Calixto de Jesus, considerado um dos quatro gigantes das artes plásticas paulista (ao lado de Almeida Júnior, Pedro Alexandrino e Oscar Pereira da Silva).

Para homenagear este grande talento da cultura litorânea, foi criado em Santos, nos anos 1990, a Pinacoteca Benedicto Calixto.

O lugar escolhido para abrigá-la foi o antigo Casarão Branco que pertenceu à família do exportador de café Francisco da Costa Pires. Construído em 1900, foi adquirido pelo comerciante em 1910, que lá residiu em dois períodos: de 1910 a 1913 e de 1921 a 1935. Entre os dois períodos chegou a ser ocupada por um asilo de inválidos. Em 1937, Pires vendeu a casa para a família Canero, de origem espanhola, que viveu no imóvel até 1979, ano em que o local foi considerado patrimônio histórico e de utilidade pública. Em 1992 passou a sediar a Fundação Pinacoteca Benedicto Calixto após passar por um longo período de reformas e restauração.

A entidade, então, passou a promover diversas atividades culturais, principalmente as relacionadas às artes plásticas, e recolheu por empréstimo, compra ou doação, diversas obras de artistas plásticos nacionais e estrangeiros, principalmente do pintor Benedicto Calixto, patrono do espaço. Hoje o acervo congrega 52 telas do pintor, entre retratos, paisagens e marinhas. Além da ala das obras, a Fundação conta com aproximadamente 1.200 livros, catálogos de exposições e coleção de periódicos, com foco principal nas artes plásticas.

### Postos de Salvamento Vigilantes da Orla Praiana

FUNDAÇÃO ARQUIVO E MEMÓRIA

pouca gente sabe, mas os seis Postos de Salvamento que se estendem pela orla foram oferecidos à população pelo Rotary Club de Santos, antes mesmo de os jardins serem efetivamente urbanizados.

O inicio da construção aconteceu em 1928. As obras duraram quatro anos, terminando com a entrega - registrada em ata do clube - no dia 25 de maio de 1932. Ainda segundo o documento do Rotary, o prefeito Aristides Bastos Machado e o capitão Bianco Pedroso, delegado regional, estavam na reunião em que o presidente do clube, Antenor Maciel de Bué, fez a entrega dos postos com as seguintes palavras: "O Rotary, tomando a si essa iniciativa, empregou o melhor de seus esforços para torná-la realidade".

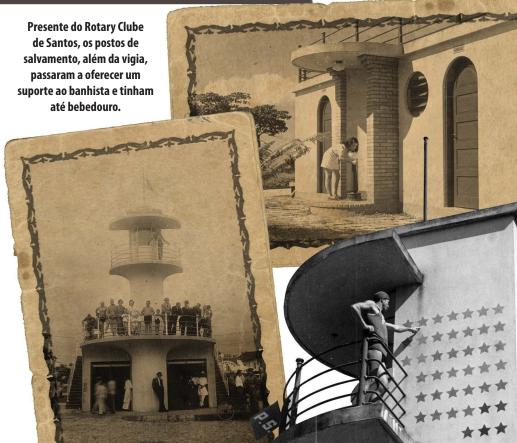
Desde 2007 os postos de salvamento ganharam uma placa para lembrar a participação do clube

na história do jardim.

"Ao comemorar oitenta anos de existência, o Rotary Club de Santos relembra a data de 12 de maio de 1932, quando foram inaugurados os postos de salvamento na praia de Santos, iniciativa do Clube, em colaboração com a Prefeitura Municipal; sendo prefeito o dr. Aristides Bastos Machado e o presidente do Rotary Antenor Maciel de Bué.

– Santos, 26 de fevereiro de 2007."
Em 2011, a Prefeitura concluiu a construção do Posto 7, o único com layout diferente dos anteriores.

Atualmente cada um dos postos tem outra função além da original. Posto 1 - Guarda Municipal; Posto 2 - Escolinha Radical; Posto 3 - Laboratório Municipal de Controle Ambiental; Posto 4 - Cine Arte; Posto 5 - Gibiteca Municipal Marcel Rodrigues Paes; Posto 6 - Biblioteca Mário Faria. Posto 7 - Bombeiros.









A Praça Visconde de Mauá, em imagem dos anos 1940, já contando com a presença do imponente Palácio José Bonifácio (Paço Municipal). Local se tornou o ponto nevrálgico do poder administrativo santista.

início do Século XIX, a pequena de Santos concentrava-se apenas no trecho entre o Valongo e o Outeiro de Santa Catarina, tendo como outros limites o estuário e os morros de São Bento e São Jerônimo (Monte Serrat). No centro deste pedaço de chão estava o Campo da Misericórdia, local que abrigou a segunda Igreja da Irmandade da Misericórdia, construída em 1652 num terreno de 60 braças (132 metros) "no lado poente do campo, pela terra adentro da Rua Direita para o mato".

A igreja não resistiu ao tempo e acabou demolida perto de 1840. No campo vazio, os santistas resolveram construir um grande chafariz e rebatizaram o logradouro com o nome

de Largo da Coroação, uma forma de homenagear o imperador D. Pedro II, coroado em 1842, aos 15 anos de idade.

Em 1865 era inaugurada a estrada de ferro São Paulo Railway, que estreitou o caminho entre Santos e a capital. Um dos responsáveis pelo impulso foi o famoso empresário Irineu Evangelista de Sousa, o Visconde de Mauá, conhecido nacionalmente por ter iniciado o ciclo ferroviário no Brasil. Como forma de homenageá-lo, em agradecimento "aos seus grandes serviços prestados a Santos", o vereador Guilherme José Alves Souto, na sessão da Câmara Municipal de 6 de outubro de 1887, sugeriu que se mudasse o nome do Largo da Coroação para Praca Mauá. Em 16 de fevereiro de 1921, o local teria o nome ajustado para Praça Visconde de Mauá.

Além da Igreja da Misericórdia, a Praça Mauá foi endereço do primeiro teatro da cidade e já teve coreto para apresentações de música. Em 1939 passou a abrigar o Paço Municipal (Palácio José Bonifácio), tornando--se definitivamente o centro do poder administrativo da cidade. A partir desta intervenção, ganhou ares parisienses e virou um dos principais cartões postais da cidade. Até hoje a Praça Mauá encanta e atrai os santistas para as mais variadas manifestações, sejam elas protestatórias ou celebradoras, esportivamente, culturalmente, apaixonadamente, como sempre foi e será.



### O bisavô dos Quiosques da Orla





A rara imagem da "Fructeira Paulista", montada ao lado das cabines de banho dos hoteis Belvedere e Bandeirante, no Gonzaga. O proprietário, José Baltazar Gião é o que está sentado, trajando colete cinza e gravata preta. Ao lado, sua esposa Francisca Lupião Gião e seu filho Joaquim Baltazar Gião.

♠ as primeiras décadas do Século XX, o Lcidadão que pretendesse tomar banho de sol ou de mar, deveria seguir até a orla vestido como se estivesse indo à missa de domingo. Não era raro ver os cavalheiros com terno e gravata e as senhoras com vestidos garbosos e elegantes. Aqueles que, realmente, tinham a clara intenção de aproveitar a praia, se utilizavam das cabines de banhos que alguns empreendimentos hoteleiros e até outros empresários que não eram do setor de hospedagem, montavam na faixa de areia. Era lá, dentro daquelas pequenas cabines de madeira, que ocorria a transformação dos banhistas. De elegantes, saiam como se estivessem com um pijama para dormir.

### O bisavô dos quiosques

Mas se você achou esquisito o departamento de vestuário praiano, o da gastronomia de final de semana não ficava muito atrás. Em 2009, a Fundação Arquivo e Memória de Santos recebeu, em doação, uma imagem raríssima, que revelava o provável primeiro estabelecimento de lanches da orla da praia de Santos, o "bisavô" dos quiosques! De propriedade do empresário José Baltazar Gião, um próspero comerciante de guloseimas, petiscos, bebidas e frutas, o lugar, chamado de "Fructeira Paulista" era uma espécie de trailer, a quem o proprietário chamava de

"AutoBar". E em seu pequeno estabelecimento à beira mar. Gião, com a ajuda de um funcionário elegantemente trajado, ofertava aos distintos clientes, toda sorte de castanhas, amêndoas, doces da fábrica santista A Leoneza, tremoços portugueses, variados tipos de pães, frutas e bebidas para todos os gostos, incluindo cervejas e refrescos, os preferidos da criançada. O AutoBar de Gião mantinha mesas embutidas na estrutura externa, as quais ele rodeava com práticas cadeiras de madeira dobráveis.

Guloseimas devidamente consumidas, trajes colocados, nada impedia, então e afinal, o santista de sorrir e mostrar o quanto era feliz em sua praia democrática.



### Real Centro Português Arquitetura rara e única em São Paulo





Construída entre 1898 e 1901, o edifício do Real Centro Português é uma das poucas referências brasileiras do estilo arquitetônico criado em Portugal entre meados do século XIX e início do século XX.

ocalizado na esquina da rua Amador Bueno com rua Martim Afonso, o Real Centro Português de Santos, considerado por muitas décadas o principal elo da colônia portuguesa na cidade, possui uma das arquiteturas mais singulares, em estilo neomanuelino, única no estado de São Paulo e uma das poucas existentes no Brasil (as outras conhecidas são o Real Gabinete Português de Leitura (1880-1887) e o Liceu Literário Português, no Rio de Janeiro, o Gabinete Português de Leitura em Salvador da Bahia (1915-1918), a mansão Henry Gibson, erguida em 1847 no Recife (Pernambuco).

A instituição santista foi fundada no dia 1º de dezembro de 1895, em reunião que lotara o Teatro Guarani. Sua finalidade era congregar

todos os portugueses, oferecendo-lhes atividades literárias, científicas, recreativas, educacionais e sociais. Logo se instalou em edifício próprio, na Praça da República, 11, onde criou uma escola (para os filhos dos imigrantes humildes) e espaços para cultura e lazer. Um pouco mais à frente, a escola passou a proporcionar a seus associados curso de francês, aulas de esgrima, tiro ao alvo, dança, música e arte dramática.

Buscando um local para construir sua sede própria, acabou comprando o terreno atual, na Amador Bueno, cujas obras se iniciaram em 15 de novembro de 1898, ocasião em que lançaram a pedra fundamental.

A edificação-sede do Real Centro Português foi projetada pelos engenheiros lusitanos Ernesto Maia e João Esteves Ribeiro da Silva, e inaugurada em 8 de outubro de 1900, ainda incompleta, sendo terminada totalmente em 1901. Para construí--la, os associados tiveram que utilizar recursos financeiros levantados através de leilões, tômbolas e quermesses promovidas em locais públicos, especialmente nos jardins da Praça dos Andradas. Mas, em verdade, a sede só se tornou realidade com a grande colaboração dos beneméritos António Domingues Pinto e António dos Santos Coelho Germano.

Além da beleza do seu estilo arquitetônico, seu interior é mobiliado e decorado com extraordinário requinte, com destaque para o Salão Cerejeira e o Salão Camoniano, ornamentados com magníficas obras de arte.

# Santos

### Rodovia Anchieta e suas histórias | Progresso para a Baixada Santista





A festa de inauguração da Rodovia Anchieta, em 1947, tendo no carro da frente o governador Adhemar de Barros que, a exemplo do ex-presidente Washington Luiz, investiu na construção de estradas em seu governo.

epois da inauguração da nova estrada para o litoral paulista, a Rodovia Anchieta, em 22 de abril de 1947, São Paulo conheceu um novo ciclo de desenvolvimento, em especial o verificado nas cidades da Baixada Santista, que testemunharam o surgimento do pólo petroquímico siderúrgico de Cubatão e o crescimento do setor imobiliário, aliado ao aumento substancial de turistas e veranistas em busca de sossego e lazer durante as temporadas de Verão.

O velho Caminho do Mar (SP-148), já não suportava o volume de trânsito entre o Planalto e a Baixada já nos anos finais da década de 1930. Fora neste período que o jovem interventor de Getúlio Vargas no

governo paulista, Adhemar Pereira de Barros, de 38 anos de idade, resolveu colocar a primeira pá de concreto no novo caminho que ligaria a capital à importante cidade portuária e balneária de Santos. Quis o destino que, oito anos depois, desta vez como governador eleito, ele teria a primazia de inaugurar a primeira pista (a Pista Norte) da obra por ele idealizada.

A festividade ocorreu, estrategicamente, na data natalícia de Barros, que completava 46 anos de idade. Feliz como uma criança, o governador foi pendurado na porta do carro que liderou o comboio desde o alto da Serra do Mar, passando pela multidão que o aguardava pelo caminho, desde o Cubatão.

Ao final, foi recepcionado no Parque Balneário Hotel, com almoço festivo promovido pela Associação Comercial de Santos.

A Rodovia foi batizada de Anchieta em homenagem ao velho padre jesuíta dos tempos coloniais, que era frequentador assíduo dos antigos caminhos indígenas da serra.

A segunda pista da Rodovia Anchieta só seria inaugurada em 9 de julho de 1953.



A tatuagem, no Brasil, surgiu em Santos

t's not a sailor if he hasn't a tattoo" (Não és um marinheiro se não tiveres uma tatuagem). Esta chamada, inscrita numa pequena placa de madeira, tornou-se um marco na área portuária santista, mais especificamente na badalada Boca, zona de boemia e prostituição da área portuária. Era o marketing promovido pelo dinamarquês Knud Harald Lykke Gregersen, com o objetivo de fisgar seu público-alvo: os homens do mar que circulavam nas cercanias do negócio que abriu quando desembarcou no cais santista em 20 de julho de 1959.

Na bagagem, Gregersen trazia uma história de 31 anos e os ensinamentos do pai, um dos mais conhecidos tatuadores da Dinamarca dos anos 30/40, Tatto Jack. Decidido a fincar raízes no Brasil, ele adotou um codinome: Lucky (Sortudo, afortunado),

talvez pela esperança de ser bem--sucedido na nova terra, o Brasil.

Na delegacia de imigração ele teve que explicar aos agentes o que fazia aquela estranha máquina de pintura. "É para gravar a pele, tatuar imagens no corpo", teria dito aos curiosos brasileiros.

Livre da burocracia, logo alugou uma loja na Rua João Octávio, nº 2, na área mais agitada da Boca, onde ganhou fama e passou a tatuar estrangeiros de passagem pelo porto.

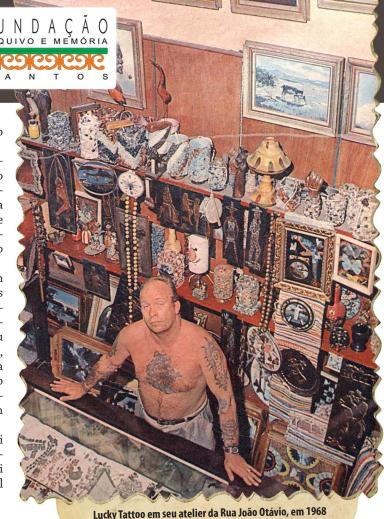
Aos poucos Lucky foi ganhando fama nacional e internacional. O estúdio de tatuagem era nos fundos da loja. Na frente, vendia souvenirs recolhidos nos 42 países que passou antes de se fixar no Brasil. Na época, muitos caminhoneiros o procuravam para marcar o corpo com imagens de Nossa Senhora Aparecida, Jesus Cristo e cruzes. Os jornais e revistas, nos anos 1960, o

consideravam o primeiro e único tatuador da América do Sul.

O auge da fama de Lucky aconteceu nos anos 1970, quando tatuou o carioca José Artur Machado, o Petit, símbolo de uma geração de jovens bronzeados de Ipanema, imortalizado por Caetano Veloso na música "Menino do Rio".

Knud ficou por vinte anos em Santos e era um dos protegidos da Boca, até que um marginal desavisado resolveu assaltar o ateliê. Lucky, desgostoso, resolveu fazer as malas e partir da cidade, para nunca mais voltar. Foi para Itanhaém, depois para Arraial do Cabo, no Rio de Janeiro, onde faleceu, aos 55 anos de idade, em 17 de dezembro de 1983.

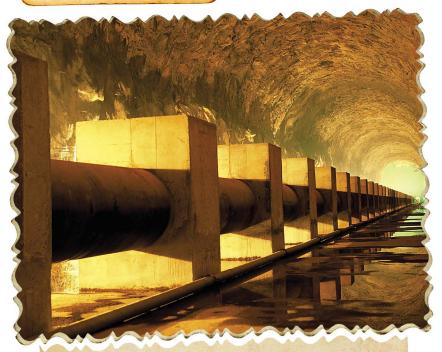
A trajetória de Lucky Tattoo foi tão marcante que o dia 20 de julho (dia que chegou a Santos) foi escolhido para ser o Dia Nacional do Tatuador.





### Túnel Reservatório Santa Tereza-Voturuá A maior caixa d'água da América Latina





Adutora que conduz milhões de litros de água por segundo para o imenso reservatório que está escondido debaixo do Morro de Santa Terezina.

Esta foto é de 1981.

onstruído entre as década de 70 e 80, quando a situação do abastecimento de água em Santos era crítico, o Reservatório-Túnel Santa Tereza-Voturuá até hoje ostenta o título de "O maior da América Latina". É um gigante de números expressivos. Em seus 1.100 metros de escavações entre galerias e reservatórios dentro do macico rochoso que divide a ilha de São Vicente, apresenta túneis com 20 metros de altura (o equivalente a um prédio de seis andares) e 15 metros de largura (o que daria para uma estrada de quatro pistas de rolagem). Em relação à água, são simplesmente 110 milhões de litros, o equivalente a 44 piscinas olímpicas cheias até a borda. É agua que não acaba mais!

O alerta pela necessidade de um sistema de abastecimento de água para as temporadas de Verão vieram durante as obras da construção da primeira pista da Rodovia dos Imigrantes. A expectativa de um boom imobiliário e demográfico eram enormes, dada a facilidade de acesso que haveria entre a Baixada Santista e a capital. Santos só possuía os reservatórios do Saboó Alto (25 milhões de litros) e Barbosa Alto (9 milhões de litros), insuficientes para a demanda que se projetava para os anos 1970.

Depois de estudar várias alternativas de lugares, os técnicos do Estado perceberam que era possível utilizar a cadeia de morros da Ilha de São Vicente para "esconder" a imensa caixa d'água.

Iniciadas em 1979, as obras de construção do reservatório-túnel consumiram dois anos de trabalhos nas entranhas do maciço rochoso santista e tiveram que obedecer um plano de ação bastante calculado. Duas galerias de acesso foram construídas (uma do lado do bairro do Marapé, em Santos, e outra do lado vicentino, no Voturuá).

A obra foi concluída em março de 1981, quando ocorreu a última concretagem do piso do reservatório e a instalação das tubulações. Inaugurado com grande festa, o tunel chegou a ser aberto para a visitação da população. E, para surpresa de muitos, até hoje sustenta o abastecimento da cidade, sem problema algum de falta d'água.



### Western Telegraph e suas histórias O dia em que o "Big Ben" santista parou





O "Big Ben" de Santos no alto da torre do prédio da Western Telegraph, vizinho da Bolsa do Café. Pontualidade santista era ditada pelo equipamento inglês, até 1973.

a virada do Século XIX para o XX, os costumes europeus dominavam o dia a dia dos santistas. A força do trabalho pesado provinha dos imigrantes espanhóis e portugueses; a moda, a cultura e a arquitetura tinham forte influência francesa; e os serviços públicos e a pontualidade eram britânicos.

Os ingleses dominavam os principais setores de serviços da cidade: no transporte ferroviário (São Paulo Railway), no transporte urbano, distribuição de água, gás e luz (The City of Santos Improvments) e nas telecomunicações via telégrafo (Western Telegraph). Esta última empresa, aliás, era a responsável pela pontualidade santista até a década de 1970.

Em 1914, os ingleses da Western trouxeram à cidade um exclusivo relógio da marca Gillet & Johnston, que logo foi instalado no alto de uma torre que ficava no telhado do imponente prédio que a companhia mandou erguer no Largo Senador Vergueiro (hoje extinto - vizinho da Bolsa de Café, nos lados do porto). Ajustado ao British Broadcasting Company (BBC), de Londres, e ao Rádio Relógio Federal, do Rio de Janeiro, o equipamento da Western em Santos não falhava um milésimo de segundo e suas badaladas eram a referência dos santistas para suas agendas de compromissos. Não havia quem não ajustasse seus relógios de bolso ao horário britânico do "Big

Ben" santista, como ficou conhecido na cidade.

Durante décadas o relógio inglês ajudou a cidade a não se perder na hora. Mas isso durou até o dia 25 de abril de 1973. Exatamente às 12 horas daquele, dia, nenhum segundo a mais ou a menos, o "Big Ben" de Santos foi desativado, deixando saudade.

O prédio da Western foi demolido logo depois, para que fosse alargada a avenida do porto. O relógio foi desmontado e ficou sob a guarda da Companhia Docas, até que foi repassado, em 2010, à Prefeitura. Hoje, o velho "Big Ben" ainda funciona, azeitado, como dizem os mais astutos relojoeiros. E louco pra fazer com que o povo santista novamente possua uma pontualidade britânica.



### Carnaval Santista Mais de 100 anos de folia e grandes feitos





Por mais de 50 anos, eram os blocos quem garantiam a diversão dos foliões santistas durante o Carnaval. Na foto, o Bloco dos Romanos, de 1937.

m dos mais importantes historiadores do Carnaval Santista, Bandeira Júnior, fazia questão de enfatizar nos seus escritos: "O Carnaval Santista é, talvez, o único na face da Terra que nasceu numa data certa – 14 de fevereiro de 1858".

Naqueles anos 1850, Santos possuía pouco mais de 7.400 habitantes. Em 1857, vários foliões se reuniram para criar a Sociedade Carnavalesca Santista, que nasceu com a tarefa de organizar uma festa sensata e alegre, que pudesse ser usufruída por toda a família. Depois de produzir o estatuto da Sociedade, no domingo de Carnaval de 1858, os foliões reali-

zaram o primeiro desfile da cidade, saindo do Teatro do Largo do Campo (atual Praça Mauá, esquina com Riachuelo) e percorrendo as principais vias da cidade santista.

O sucesso desta empreitada fez surgir várias outras sociedades, entre elas o próprio Clube XV (até hoje existente), que nasceu sob a folia do Carnaval. Também surgiram dezenas de blocos, que dominaram a folia de Momo até o final dos anos 50.

As escolas de samba começaram a surgir nos anos 30, mas só começaram a ganhar destaque nos anos 60.

Uma peculiaridade do Carnaval Santista se concentra na história do nosso Rei Momo. Santos foi a segunda cidade do Brasil a eleger um Rei da Folia, em 1935, com Eugênio de Almeida, o Tosca. E também foi a cidade com o maior reinado de um único soberano, Waldemar Esteves da Cunha, que foi Rei Momo durante 50 anos (de 1950 a 2000), um recorde inatingível. A coisa era tão séria que Santos chegou a sediar por duas vezes a Convenção Nacional de Reis Momos (1963 e 1966).

O santista tem o Carnaval na alma, desde os remotos tempos e chegou a ostentar o título de Segundo Carnaval do Brasil, nos anos 1950, ficando apenas atrás da folia carioca.

Das grandes lembranças desse passado glorioso, vale destacar a Patuscada "Dona Dorotéia, Vamos Furar Aquela Onda?", que divertiu geracões inteiras de santistas.



### Escholástica Rosa Berço do primeiro curso profissionalizante do Brasil





O Escholástica Rosa abrigou o primeiro curso técnico do país (1908) e a primeira escola pública de ensino superior da Baixada Santista (1986).

Pioneirismos marcantes em mais de 100 anos de história.

m dos mais importantes historiadores do Carnaval Santista, Bandeira Júnior, fazia questão de enfatizar nos seus escritos: "O Carnaval Santista é, talvez, o único na face da Terra que nasceu numa data certa – 14 de fevereiro de 1858".

Naqueles anos 1850, Santos possuía pouco mais de 7.400 habitantes. Em 1857, vários foliões se reuniram para criar a Sociedade Carnavalesca Santista, que nasceu com a tarefa de organizar uma festa sensata e alegre, que pudesse ser usufruída por toda a família. Depois de produzir o estatuto da Sociedade, no domingo de Carnaval de 1858, os foliões reali-

zaram o primeiro desfile da cidade, saindo do Teatro do Largo do Campo (atual Praça Mauá, esquina com Riachuelo) e percorrendo as principais vias santista.

O sucesso desta empreitada fez surgir várias outras sociedades, entre elas o próprio Clube XV (até hoje existente), que nasceu sob a folia do Carnaval. Também surgiram dezenas de blocos, que dominaram a folia de Momo até o final dos anos 50.

As escolas de samba começaram a surgir nos anos 30, mas só começaram a ganhar destaque nos anos 60.

Uma peculiaridade do Carnaval Santista se concentra na história do nosso Rei Momo. Santos foi a segunda cidade do Brasil a eleger um Rei da Folia, em 1935, com Eugênio de Almeida, o Tosca. E também foi a cidade com o maior reinado de um único soberando, Waldemar Esteves da Cunha, que foi Rei Momo durante 50 anos (de 1950 a 2000), um recorde inatingível. A coisa era tão seria que Santos chegou a sediar por duas vezes a Convenção Nacional de Reis Momos (1963 e 1966).

O santista tem o Carnaval na alma, desde os remotos tempos e chegou a ostentar o título de Segundo Carnaval do Brasil, nos anos 1950, ficando apenas atrás da folia carioca.

Das grandes lembranças desse passado glorioso, vale destacar a Patuscada "Dona Dorotéa, Vamos Furar Aquela Onda?", que divertiu geracões inteiras de santistas.



### A Misericórdia e os 70 anos do quarto prédio



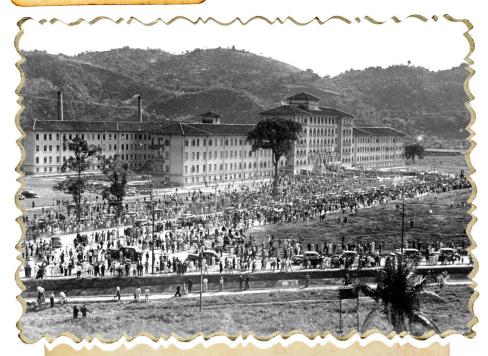


Imagem da inauguração do atual prédio da Santa Casa de Misericórdia de Santos, em 2 de julho de 1945, que contou com a presença do então presidente da República, Getúlio Vargas.

'undada em 1543, com o objetivo de atender a povoação de Enguaguaçu (que viria a se tornar a Vila de Santos) além dos forasteiros que chegavam em navios que exploravam a costa sul-americana, a Santa Casa de Misericórdia, considerada o primeiro hospital do Brasil, tem uma relação tão especial com a cidade, que seu nome, Santos, deriva desua existência. Historiadores reputam que ela tenha sido criada em 1º de novembro, data dedicada a "Todos os Santos", daí sua alcunha, que mais tarde possibilitou todos conhecerem o povoado como a "Vila de Santos".

A misericórdia teve, ao longo de seus anos de vida, quatro sedes. A primeira ficava abrigada em um pequeno espaço dentro da capela de Santa Catarina de Alexandria (a que ficava no sopé do morro). A segunda existiu, a partir de 1654, no anexo da Igreja da Misericórdia, no Largo do mesmo nome (em área hoje ocupada pela Praça Mauá). A terceira foi inaugurada em 1836, também como um pequeno anexo da igreja de São Francisco, no sopé do Morro de São Jerônimo (atual Monte Serrat) e foi crescendo ao logo das décadas, chegando a possuir prédios enormes anexos, como o Pavilhão de Tuberculosos "Dr. Sóter de Araújo".

Com a queda de parte do Monte Serrat em 1928, a administração da Santa Casa, temendo por novos desmoronamentos, resolveu construir uma nova sede em local mais afastado. A área escolhida foi a do atual prédio, no bairro do Jabaquara. Construída em 16 anos, a edificação foi inaugurada em 2 de iulho de 1945, contando inclusive com a presença do então presidente da República, Getúlio Vargas. O empreendimento constituiu-se em verdadeiro orgulho para a cidade de Santos, como um dos maiores e mais modernos hospitais existentes na América. E até hoje é um patrimônio histórico de Santos e dos santistas.

# Santos e suas histórias

Zezé Leone, a santista que conquistou o primeiro título da beleza brasileira

FUNDAÇÃO ARQUIVO E MEMÓRIA

rganizado entre 1921 e 1922 pela Revista da Semana, em uma parceria com o jornal A Noite, ambos do Rio de Janeiro. a então capital federal, o primeiro concurso de alcance nacional para a escolha da mulher mais linda do Brasil movimentou a sociedade da época. A disputa se transformou numa autêntica febre, agitando os brasileiros de norte a sul, transformando a rotina de centenas de jovens, e belas, mulheres de mais de 100 cidades do país. Na reta final da prova, das 319 candidatas ao título de "Rainha da Formosura", quatro se destacaram: Orminda Ovalle, de Ipanema (RJ), Dorothildes Adams, de Porto Alegre (RS), Hilda Luz de Castro, de Salvador (BA) e Zezé Leone, de Santos (SP). No dia crucial, 3 de abril de 1923, os juízes determinaram que seria a santista a candidata a

ter o direito de levar para casa o tão sonhado prêmio, o de ser reconhecida como a mais encantadora entre as brasileiras.

#### Vida transformada

Assim, da noite para o dia, a vida de Zezé Leone, uma menina de classe média baixa, de cotidiano simples e sofrido, filha de um modesto trabalhador do porto e uma professora de piano, virou do avesso. Alcada a uma fama sem precendentes, a santista teve seu nome associado à beleza, à formosura, ao sucesso, tornando-se musa inspiradora para músicas, poesias, obras plásticas e, inclusive, para "batizar"uma locomotiva da Central do Brasil e, algum tempo mais tarde, um delicioso doce mineiro. Em meio à euforia nacional, um filme de cinema fora produzido, tendo a Rainha da Beleza como personagem central. A película lotou diversas salas de exibição nas principais capitais do país. Zezé posou para capas de revista, de jornais, de folhetins. Todos falavam ou queriam falar da Rainha da Beleza brasileira.

Porém, junto com a popularidade repentina, vieram os dissabores acessórios da fama. Tão logo foi anunciada como a vencedora do mais cobiçado prêmio da época, a jovem santista se viu rodeada de rivais invejosas, empresários inescrupulosos e figuras que só a adulavam, em busca de aproveitarem-se da sua notoriedade.

Zezé casou-se, no ano seguinte à sua coroação, com o então promissor advogado Lincoln Feliciano da Silva. Mas o romance durou pouco menos de dez anos. Separada, ela acabou se reclusando em São Paulo, fazendo questão de ser esquecida por todos. Morreu na véspera do seu aniversário de 63 anos. em 1965.





# Primeiro monumento da cidade é erguido em honra ao fundador de Santos





O monumento erigido em homenagem ao fundador de Santos, Braz Cubas, em imagem publicada num cartão postal da década de 1910.

té meados do século XIX. Santos ainda guardava um aspecto bastante próximo dos tempos coloniais, com casarões de grossas paredes e arquitetura simples. Com o advento da ferrovia, em 1867, a cidade começou a se transformar, graças à riqueza proporcionada pelas exportações de café. A forte influência da escola francesa de arquitetura, assim como a inglesa, esta trazida pelas companhias que assumiram serviços públicos importantes na cidade, como a distribuição de água e o transporte coletivo, fez surgir praticamente uma nova cidade santista, com sobrados e palacetes de fino gosto.

Se as propriedades parti-

culares ofereciam um novo visual para a cidade, o poder público não podia ficar atrás e passou a investir na urbanização de locais importantes, como por exemplo, o entorno da Alfândega, que ganhou um plano exclusivo de revitalização.

O preço, contudo, foi alto no que se referiu à transformação do antigo Largo da Matriz na Praça da República, por conta da demolição de uma das edificações religiosas mais antigas da cidade, a Igreja Matriz, de 1742.

A contrapartida, ao menos, foi a confecção de um monumento em homenagem ao fundador de Santos, o fidalgo Braz Cubas, que fora sepultado não muito longe daquele local. Inaugurada em 26 de janeiro de 1908, a estátua de Braz Cubas foi a primeira da história de Santos, esculpida em mármore branco de Carrara, obra do artista italiano Lorenzo Mazza, que a montou inteiramente no seu atelier, em Gênova. O monumento foi trazido em pedaços de navio desde a Itália. A figura de Braz Cubas, com trajes de cavaleiro do século XVI, destaca-se sobre o pedestal.

Uma curiosidade deste monumento são os postes que existiam em seu entorno. Dois deles foram removidos para as proximidades da Fonte 9 de julho (Praça das Bandeiras), no Gonzaga, nos anos 1920. E lá permanecem até os dias de hoie.



### Paredão hoteleiro do Gonzaga "Glamour" em hospedagem na orla santista



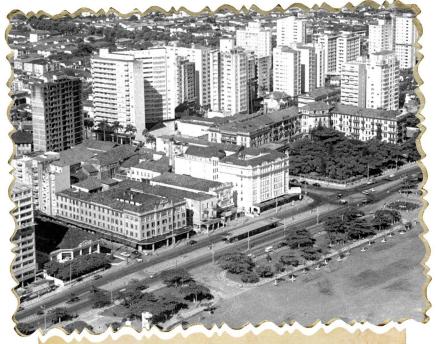


Imagem aérea dos anos 1950 com o paredão hoteleiro do Gonzaga. No alto, o Parque Balneário Hotel. Da esquina da Ana Costa para a Marcílio Dias, o Atlântico, Bandeirante, Belvedere e Avenida Palace.

oi na virada do Século XIX para o XX que a cidade de Santos começou, pra valer, a explorar a orla praiana como atrativo turístico, permitindo a ocupação de vários espaços com empreendimentos hoteleiros. Após o surgimento do pioneiro Hotel Internacional do José Menino (1895), diversos empresários perceberam que era um bom negócio investir no ramo de hospedagem de lazer e, assim, os santistas testemunharam um "boom" no surgimento de vários estabelecimentos turísticos na faixa da orla praiana.

Apesar de oferecer opções em quase toda a extensão da praia, a maior parte dos hotéis da orla santista se concentrou no aprazível bairro do Gonzaga. O primeiro deles

foi o Parque Balneário Hotel, inicialmente construído como um singelo bangalô de madeira, propriedade de Alberto Fomm e Elisa Poli, nos primeiros anos do Século XX, e depois repaginado pelo empresário João Fracarolli, sendo inaugurado em 1914. O Parque Balneário logo alcancou fama internacional, como um dos mais luxuosos hotéis da América Latina, tendo hospedado grandes autoridades brasileiras e mundiais, inclusive alguns monarcas de países europeus.

Na década de 1910, dois grandes sobrados eram construídos no Gonzaga. Um deles abrigou, em 1915, o Recreio dos Banhistas, que mais tarde veio a se chamar de Hotel Belvedere. No outro, instalou-se, no início dos anos 1920, o Hotel Bandeirante.

Ainda nos anos 1920, surgia, na esquina da avenida da praia com a Ana Costa, o Hotel Atlântico, inaugurado em 1922 pela antiga Companhia de Teatro e Cassino Parque Balneário. Na outra esquina, na segunda metade da década de 20, era construído o Hotel Avenida Palace, pelas mãos do português Manuel Dias Marcelino, que resolveu erguer seu estabelecimento no lugar de um antigo botequim. O nome foi uma homenagem ao famoso hotel homônimo que existiu em Lisboa.

Hoje só dois destes hotéis sobreviveram ao tempo: O Atlântico e o Avenida Palace. O prédio do Parque Balneário foi substituído por outro mais moderno, com shopping em anexo.

# Santos e suas histórias

### Anna Costa, a Champs-Élysées Santista

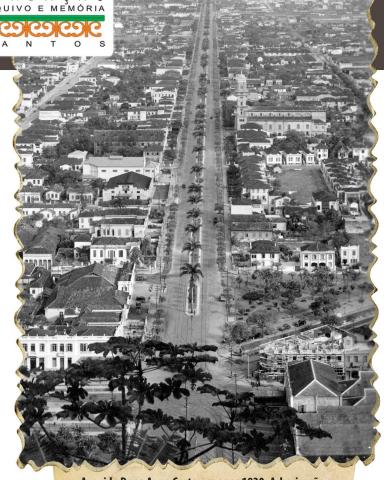
ona Anna Costa, com duas letras "n" mesmo, na grafia original da época em que foi aberta a mando e expensas do marido, Mathias Casimiro Alberto da Costa, o dono da "Vila Mathias". Nada poderia ser mais romântico do que criar uma via dedicada à esposa a partir de seu próprio "corpo", quase uma simbiose equivalente a de Adão e a costela que derivou sua companheira Eva. E, assim como a lenda bíblica, onde a maçã da discórdia repeliu ambos do Paraíso para um mundo repleto de angústias, a história da avenida Anna Costa acabou sendo responsável pela morte de Mathias, brutalmente assassinado por vizinhos que o acusaram de invadir suas terras, justamente para abrir

aquela imensa avenida em direção ao mar. Assim foi o início da história da principal artéria viária de Santos, manchada de sangue, mas que o tempo tratou de limpar, até se tornar uma das mais belas páginas da nossa memória.

A avenida Dona Anna Costa nasceu acanhada, de terra batida, linha reta e empoeirada, rasgada pelos trilhos dos bondes que Mathias pretendia explorar por bastante tempo e ganhar muito dinheiro. Não foi assim para ele, mas o fora para outros que o sobrevieram. A estrada serviu de mola propulsora para o desenvolvimento da zona da orla e o surgimento do bairro mais charmoso da cidade, o Gonzaga. Não tardou para que sua extensão fosse ocupada por belíssimos casarões e sobrados, o que obrigou a municipalidade a investir em sua paisagem. A avenida ganhou uma exuberante linha de palmeiras imperiais, únicas, magistrais, que emolduraram o centro da ilha. Com o passar dos anos e décadas, surgiam igrejas, cinemas, hotéis, lojas e a simbólica Praça da Independência, ícone da cidade em memória ao grande José Bonifácio de Andrada e Silva e seus irmãos, Antonio Carlos e Martim Francisco.

Não é à toa que a cidade santista, tão sintonizada com os costumes parisienses no início do século XX, tratou a avenida Dona Anna Costa como se fosse uma espécie de Champs-Élysée.

E com muita justiça a este caminho repleto de glamour e identidade.



Avenida Dona Anna Costa nos anos 1930. Arborização e ajardinamento em três exuberantes faixas.



## O Correio em Santos e suas histórias Uma história com mais de 200 anos





O palacete dos Correios localizado no Centro, hoje situado ao lado do Paço Municipal, em imagem da época em que foi inaugurado, 1924.

s serviços de correios na cidade de Santos foi criado pela primeira vez em 27 de julho de 1798, durante o reinado de D. maria I e regência de seu filho, D. João. Inicialmente era um serviço apenas entre a cidade portuária e a capital bandeirante, essencialmente para trazer as correspondências dos colonos paulistanos que desejavam enviar notícias para Portugal, através dos navios que atracavam no porto santista.

Em 1835, o Correio da Corte passou a entregar as correspondências em domicílio (antes o destinatário tinha de ir até o posto do correio para pegar sua carta), criando a figura do carteiro. Em Santos, esse serviço só passou a funcionar em 21 de dezembro de 1844.

#### Os prédios dos Correios

A primeira sede dos correios ocupava uma sala emprestada no antigo prédio do Colégio dos Jesuítas, junto à Alfândega, até que na década de 1880 passou a ocupar um espaço numa ala exterior do Convento do Carmo, onde havia também um serviço de expedição de malas para quem fosse viajar pelos trens da São Paulo Railway, para a capital, ou para a vizinha São Vicente, pelo trem dos Emmerich.

Um pouco mais à frente, perto da virada do século 19 para o 20, toda a estrutura dos correios mudou-se para um imponente edifício localizado no Largo do Rosário (atual Praça Rui Barbosa). O prédio, retratado em inúmeras imagens pela sua exuberância, foi utilizado até 1924, quando o serviço de correios foi transferido para a Praça Mauá, em um enorme palacete situado entre as ruas D. Pedro II e Augusto Severo, onde está até os dias de hoje (atual rua Cidade de Toledo), sendo este novo edifício inaugurado no dia 30 de novembro de 1924. A unidade de Santos logo se tornou referência em todo o estado de São Paulo, pelos serviços de "Colis Posteaux" (Serviço internacional de importação de remessas contendo mercadorias e outros produtos).

#### Correio hoje

Além do prédio sede dos serviços de correios, Santos tem, atualmente 13 agências de postagem, sendo cinco pr;oprias, seis franqueadas, uma comunitária e uma agência comercial terceirizada.



### Santos teve a primeira bomba de gasolina da América Latina





Antônio Duarte Moreira, o AD Moreira, posa orgulhoso ao lado da sua bomba, a primeira da América do Sul.

o contrário dos dias de hoje, no começo do século XX não era fácil conhecer alguém que fosse proprietário de uma das mais incríveis máquinas inventadas pelo homem: o carro. Por mais que fossem verdadeiros calhambeques, os primeiros "automóbiles" custavam uma nota preta e eram para o bico apenas dos que tinham muitos recursos. Porém, esses mesmos abastados tinham que se virar para conseguir abastecer os carros pioneiros no Brasil, já que não existiam centros de distribuição ou postos de combustíveis à disposição por aí. Só em 1912 é que o país começou a organizar um sistema de distribuicão de derivados de petróleo. vendidos inicialmente em latas e tambores, e disponíveis em armazéns que trabalhavam com outros produtos para máquinas. Posto de Gasolina, mesmo, só mais tarde. Em Santos, o primeiro pos-

to só entrou em operação em 1919. Na verdade, era uma bomba instalada na rua, situada mais precisamente na avenida Ana Costa, esquina com a praia, defronte ao local onde hoje fica o Atlântico Hotel. Esta bomba foi considerada a primeira do gênero na América do Sul e era propriedade de Antônio Duarte Moreira, que obteve concessão da Prefeitura para instalá-la, a fim de que pudesse abastecer sua frota de táxis. provavelmente o primeiro serviço santista de transporte em carros.

Moreira, algum tempo mais tarde, expandiu seus negócios e criou a firma A.D. Moreira, de venda de eletrodomésticos, veículos e peças. Também montou outros postos de gasolina na cidade, facilitando a vida dos primeiros proprietários de carros de Santos e recião.

Posto Atlantic - Com o passar dos anos e o aumento do número de veículos na cidade, outros postos de combustíveis surgiram na cidade, como o da Atlantic Refining Company of Brazil, que construju uma unidade de serviços automotivos na esquina da Avenida Ana Costa com a rua Alexandre Herculano, A inauguração foi um acontecimento na cidade, contando com a presença de autoridades municipais e a fina flor da sociedade santista.







Santos

gua Barulhenta. Essa é a tradução, do tupi para o português, para a palavra "Itororo", que já foi um dos cursos d'água mais importantes da história de Santos, assim como fonte de água mineral de qualidade incontestável. Pelo nome, é provável que tenha tido, nos idos coloniais, uma nascente robusta, caudalosa, que brotava das entranhas do Monte Serrat certamente como uma cachoeira (daí a justificativa para o "barulhenta").

O ribeirão Itororó (que também já recebeu o nome de ribeirão do Carmo), formado por esta nascente, percorria um caminho pouco sinuoso, passando por detrás do convento do Carmo e desaguando no lagamar portuário na altura da atual Praça Barão do Rio Branco. Suas águas foram utilizadas, inicialmente, por Braz Cubas, fundador de Santos, que mantinha junto à nascente um pequeno curtume (onde se curte o couro bovino para fins de produção de vestuário e móveis).

Por alguns séculos, as límpridas águas do Itororó foram as preferidas da população santista para uso doméstico e consumo próprio. Tanto que, na década de 1840, foi esta a nascente escolhida para abastecer o Chafariz da Coroação (o mais importante da cidade), localizado onde hoje está a Praca Mauá.

Mas aí veio o progresso. A cidade crescia a olhos vistos e os velhos ribeirões coloniais, cada vez mais poluídos, foram sendo canalizados, um a um. Ao Itororó restou, ao menos, sua nascente e fonte, ainda envolta pelo pequeno parque arborizado, local de passeio e, na virada do século XIX para o XX, onde se podia tirar fotografias de lambe-lambe.

Na década de 1920, as águas da nascente do Itororó passaram a ser exploradas comercialmente, pelo empresário Rui Carlos Herdade, que obteve concessão da Prefeitura (dona dos terrenos do Itororó) em 1924, por meio de edital, para construir um parvilhão que englobaria um bar e restaurante. O contrato de arrendamento, de 20 anos, foi assinado em 1925. Herdade chegou e engarrafar e gaseificar as águas do Itororó no período em que esteve explorando o local, até 1945, quando a área e todas as benfeitorias feitas ali voltaram para as mãos do município.

#### A Música e o Carnaval do Rio

A cantiga de roda "Fui no Itororó" teve origem atribuída à fonte 
santista. Quem a registrou foi o 
maestro Villa-Lobos, em 1926, 
mas só depois de introduzir algumas alterações. Em 2016, o 
Grêmio Recreativo Escola de 
Samba Acadêmicos do Grande 
Rio saudou o velho símbolo com 
um belo desfile na Marquês de 
Sanucaí.



Casarão sede do Instituto Histórico A edificação mais antiga da Zona Leste santista FUNDAÇÃO ARQUIVO E MEMÓRIA

uem passa pela avenida Conselheiro Nébias, quase na esquina da rua Lobo Viana, bem defronte à rua Mato Grosso, pouco percebe a existência de um velho casarão que ali se encontra, acreditando ser apenas mais um dos tantos prédios antigos que ainda resistem ao tempo na mais longa via urbana santista. Ocorre que o sobradão de três pavimentos do número 689 da Conselheiro não é simplesmente mais um em meio aos antigos patrimônios edificados da Zona Leste santista, mas o mais antigo de toda a cidade, fora do Centro Histórico.

O edifício sede do Instituto Histórico e Geográfico de Santos (IHGS) foi construído em 1886, ainda no tempo do Império, época em que havia algumas poucas chácaras fora do perímetro da cidade de Santos, que terminava basicamente no bairro do Paquetá. O sobradão era justamente a sede de uma dessas chácaras. Em 1888, a casa acabou vendida para Francisco Frisoni, italiano de Gênova, Na época, o terreno era bem major do que o atual e contemplava duas residências. Em 1903, o imóvel passou para as mãos do major Álvaro Ramos Fontes, que foi superintendente da Companhia Docas de Santos, de 1894 a 1919. Ele promoveu grande reforma no casarão, dotando-o de várias janelas no entorno. Quando faleceu, em 27 de fevereiro de 1928, deixou o bem como herança para três filhas.

Dez anos mais tarde, o Instituto Histórico e Geográfico de Santos se instalou no casarão, como inquilino das filhas do major Fontes, juntamente com a seção santista do Clube Zoológico do Brasil.

No início da década de 1940, as donas resolveram vendê-lo e a ofereceram ao IHGS, que não

tinha dinheiro para tal aquisição. Foi então que o então presidente, Costa e Silva Sobrinho, teve a ideia de solicitar auxílio ao santista Valentim Bouças, que era um dos maiores economistas e financistas do país, além de importante membro do Governo Federal. Bouças era dono de grande riqueza e não se negou a ajudar.

Com a ajuda de Edgar Cerqueira Falcão, portador de algumas mensagens entre as partes, Bouças acabou cedendo a quantia necessária para Costa e Silva Sobrinho, na qualidade de presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Santos, para a aguisição da casa em definitivo. Para registrar a história de tão generosa ajuda, a edificação foi batizada como "Edifício Valentim Bouças", permanecendo até os dias de hoje, como "templo do conhecimento sobre a história e a geografia da nossa cidade de Santos".



## Muretas dos Canais Símbolo art déco de Santos





As muretas dos canais, como nesta foto do final dos anos 1940, passaram a integrar a paisagem santista não só na Ponta da Praia, mas em praticamente toda a cidade, em especial na orla praiana. famosa "mureta dos canais", que o santista tanto ama, nasceu diante do principal canal da cidade, o do estuário, que leva ao pujante Porto de Santos. Tudo se iniciou nos anos 1940, quando começaram as obras de melhorias para a região da Ponta da Praia, com a construção da avenida Almirante Saldanha da Gama, que teria cerca de 1.600 metros.

Para implementar a avenida, a Prefeitura teve de promover o aterramento de grande faixa de areia, incluindo a construção de muro de arrimo e barreira de contenção (com pedras) para deter o avanço da maré. Tudo se encaixou perfeitamente, mas ainda faltava algo, como uma espécie de "cereja do bolo". Foi aí que se pensou em produzir um elemento decorativo,

que também fosse protetivo, para "abraçar" o calçamento ao longo da via. Então, nasceu o projeto que se tornaria conhecido popularmente nos dias de hoje como "muretas dos canais".

#### Balaustrada art déco

Em 1941, logo após o início das obras de criação da avenida, o então engenheiro chefe da Diretoria de Obras da Prefeitura de Santos, Carlos Lang, apresentou ao prefeito o primeiro desenho do que se chamou de "Balaustrada da Avenida Almirante Saldanha da Gama". O elemento, além de decorativo, tinha como função proteger os transeuntes em suas passagens pelo calcamento de pedestres. O projeto contava com algumas entradas, rampas que davam acesso ao mar, especialmente construídas para uso das agremiações náuticas e polícia marítima. Após aprovada a proposta, que remetia à forte influência do "art déco". somente em 14 de abril de 1943 é que Lang remeteu ao Departamento de Obras Públicas e Jardins o desenho esquemático para a construção das muretas, colunas e pórticos. Com o projeto, a Prefeitura abriu concorrência pública para a execução da obra, vencida pela empresa O. Ribeiro e Cia., ao preço de CR\$ 379.024,00 (o que equivaleria hoje a cerca de R\$ 3 milhões).

Art déco - Movimento artístico internacional que começou na Europa em 1910, afetando vários setores das artes decorativas e da arquitetura. No Brasil, o maior exemplo de arte deco é o Cristo Redentor.

### Santos e suas histórias

#### Anália Franco A casa da solidariedade santista





Imagem do primeiro prédio da Associação Anália Franco, construido a partir de 1925.

anos iniciais do A século 20, a cidade de Santos crescia vertiginosamente em função do pujante comércio, em especial do café, que passava pelo porto. Junto com o progresso e o desenvolvimento sobreveio uma enorme massa de trabalhadores que, aproveitando as oportunidades de trabalho. se instalava nas periferias e bairros operários. Nessas famílias humildes, geralmente todos trabalhavam inclusive as mulheres. Por isso, já naguela época vagas em creches e escolas de tempo integral eram muito

Os santistas já tinham uma larga experiência no campo da assistência às crianças "desvalidas", em razão das devastadoras epidemias que ceifaram milha-

res de pessoas entre 1880 e 1900. Desde a segunda parte do século 19, então, a cidade viu surgir várias instituições, como a Associação Creche Asilo Anália Franco. Como todas as associações do gênero, começou pequenina, num espaço situado na Rua do Rosárão, 537 (atual Jão Pessoa), fundada em 1917 e reorganizada a partir de 28 de junho de 1922, quando passou a ser presidida no ro Julieta dos Santos.

Os prédios da Ana Costa

Com o aumento da demanda, a entidade precisou de um novo espaço. Para isso, os seus membros resolveram criar um associação, sob o comando de Adelino Ferraz de Barros. Uma campanha ampla foi desenvolvida para a compra do terreno na avenida Ana Costa, 277, o

to da pedra fundamental da edificação em 23 de agosto de 1925. O segundo prédio começou a ser construído em 27 de janeiro de 1939, como

que possibilitou o lançamen-

çou a ser construído em 27 de janeiro de 1939, como parte das comemorações aos 100 anos da elevação de Santos à condicão de município.

solidariedade e qualidade

#### Referência em

O Analla Franco fot por decadas a maior referência em atendimento assistencialista da cidade de Santos. Sua esetrutura impressionava todo o Estado de São Paulo. Além dos dois prédios de grande dimensão, o complexo oferecia quadras poliesportivas, consultorios médicos, dentários, oficinas profissionalizantes e uma educação considerada de primeira qualidade.



# Castelinho dos Bombeiros De sede da Corporação à sede do Legislativo Santista





O prédio sede do Corpo de Bombeiros de Santos, o famoso "Castelinho", em imagem tirada no ano de 1909, poucos dias depois da inauguração oficial.

primeira corporação de bombeiros em Santos foi Arriada durante o período Imperial, em 9 de outubro de 1885. Era, no entanto, formada por cidadãos voluntários, acionados apenas em casos de incêndio. Quase cinco anos mais tarde, em 24 de fevereiro de 1890, os santistas resolveram criar e manter um agrupamento profissional, inicialmente composto por dez homens, que acabaram escolhidos entre os que não se intimidavam diante de grandes incêndios. O pessoal daquela época, entretanto, não tinha acesso a muita tecnologia, e era obrigado a encarar o fogo munido tão somente de algumas poucas mangueiras, bombas manuais, baldes e machadinhas.

#### Casa própria

Os bombeiros santistas utilizavam, de maneira precária, as dependências de um velho quartel que existiu nas proximidades da Casa do Trem Bélico até o início do século XX, quando, finalmente, a municipalidade resolveu investir numa "casa própria" para abrigar os bravos soldados do fogo.

E como eram tempos de transformação na cidade, propiciadas pelas riquezas oriundas do comércio cafeeiro, os santistas não economizaram em termos de recursos e originalidade para erguer, no sopé do Monte Serrat, uma edificação majestosa, em estilo eclético, acastelada, que levou a assinatura do engenheiro alemão Maximiliano Emilio Hehl, o mesmo que elaborara o desenho da Catedral de

Santos. A pedra fundamental da obra foi colocada em dia de grande festa na cidade, em 9 de junho de 1907. Foram necessários pouco mais de dois anos para construir o complexo, entregue à cidade, oficialmente, no dia 7 de setembro de 1909, embora os soldados já estivessem ocupando o prédio desde o dia 26 do mês anterior.

### Câmara Municipal

Em 2007, os bombeiros deixaram o seu prédio, para que ele sofresse uma grande reforma a partir do ano seguinte. Concluídas as obras em 2010, a histórica edificação passou a abrigar a Câmara Municipal de Santos a partir de 2011. A primeira sessão do legislativo santista em sua nova casa aconteceu em 1 de agosto.



## Sociedade Humanitária Primeira entidade assistencialista do Brasil





O majestoso prédio da Sociedade Humanitária, inaugurado em 1931, abriga até hoje a maior e mais antiga biblioteca da cidade.

undada em 12 de outubro de 1879 por rapazes dinâmicos envolvidos na produção de um pequeno iornal dominical - O Caixeiro a Sociedade Humanitária conclamou a classe comercial santista à criação de uma entidade que pudesse propiciar amparo e socorro aos seus associados, a chamada "classe caixeiral", além de oferecer espaço para cultura, conhecimento e lazer. No ano seguinte, 1880, criou a maior biblioteca da cidade (até hoje existente), uma banda musical, grupos teatrais e um setor assistencialista que atendia nas áreas ambulatorial e dentária.

A instituição foi a primeira e única de caráter assistencial a participar de todos os eventos santistas, como, por exemplo, no socorro aos feridos da Revolução de 1932.

#### Sedes

A primeira sede da Humanitária foi inaugurada em 7 de setembro de 1891, na rua Amador Bueno, 256. Alguns anos depois, o prédio acabou vendido para a Cúria Diocesana. Foi quando a instituição passou a atender na rua XV de Novembro.

Ao longo dos anos a associação cresceu bastante, exigindo novas acomodações. Em 1929 iniciou-se a construção da nova sede, cujas obras foram concluídas em outubro de 1931. Localizada nas imediações do Fórum, na Praça José Bonifácio, a edificação teve a assinatura dos arquitetos Frederico de Sabóia e Silva e Paulo da Silva Costa.

Devidamente instalada, a Sociedade Humanitária passou a oferecer aos seus associados, cursos de português, francês, inglês, alemão, escrituração mercantil e aritmética. No entanto, com a intensificação dos cursos regulares pela cidade, estes acabaram extintos.

O edifício da Humanitária é uma pérola histórica. Sua biblioteca, então, é uma atração à parte, assim como seu magnífico salão de festas, um dos mais belos da cidade. Nele, por muitos anos, a juventude santista participou das tradicionais vesperais promovidas pelo Centro dos Estudantes de Santos e outras agremiacões estudantis. Também contavam com as melhores orquestras da cidade nas décadas de 1950 e 1960, com destaque para Cabral Júnior, Haroldo Moura, Hamleto, J. Pinto, Simonei, Mário Folganes e outras de grande suces-



# O vovô dos semáforos santistas





A inauguração do primeiro semáforo santista, que ficava na Praça Ruy Barbosa, foi um acontecimento na cidade, que possuía menos do que 500 veículos registrados.

té o final da década de 1920, o trânsito era organizado apenas por guardas que, do meio da via, liberavam o afluxo nos cruzamentos. Com o aumento do número de carros nas ruas e. principalmente, motoristas inexperientes, os acidentes começaram a surgir, inclusive o de atropelamento de agentes de trânsito. Esse fato foi determinante para que a Câmara de Santos aprovasse a instalação de semáforos.

A primeira leva de postes semafóricos contemplou doze pontos: Gonzaga, confluência das avenidas Presidente Wilson, Ana Costa

e Vicente de Carvalho: cruzamento das ruas Senador Feijó e Rangel Pestana, junto à ponte; Praca José Bonifácio, no cruzamento das ruas Senador Feijó e São Francisco; cruzamento das ruas do Rosário (atual João Pessoa) e Pedro II: praça Ruy Barbosa, no cruzamento das ruas do Rosário e Frei Gaspar: praça dos Andradas, no cruzamento das ruas Visconde de São Leopoldo e 15 de Novembro: praca Ruy Barbosa, no cruzamento das ruas General Câmara e Frei Gaspar; praca Visconde de Mauá, no cruzamento das ruas General Câmara e Pedro II: cruzamento da avenida

Conselheiro Nébias e rua Sete de Setembro; e no Boqueirão, na confluência das avenidas Conselheiro Nébias, Vicente de Carvalho e Bartolomeu de Gusmão.

O primeiro a ser instalado foi o da Praça Ruy Barbosa e, neste dia, o povo se juntou para festejar a chegada daquele posto que iluminava a rua com três belas cores.

Os primeiros equipamentos, apesar de eletrônicos, eram acionados manualmente por elegantes agentes de trânsito que, assim como nos principais países europeus, organizavam o tráfego dos ainda poucos veículos que rodavam pelas ruas.



## Edifício do Conselho e Cadeia de Santos





A Casa do Conselho de Santos, em imagem de 1865, época em que estava para ser demolida. Uma curiosidade deste prédio é o seu sino, que tinha a função de chamar a população para anunciar os avisos do Reino.

ano de 2015 marca o aniversário de 150 anos do conjunto fotográfico mais antigo da história de Santos, produzido por Militão Augusto de Azevedo. No ano de 1865, o renomado fotógrafo eternizou algumas cenas rarissimas do cotidiano santista. Entre as imagens, está a única foto que se tem notícia do edifício do Conselho e Cadeia de Santos, também conhecido como a 2ª Casa de Câmara e Cadeia. sede do poder imperial na cidade de Santos, desde finais do século XVII. Este prédio foi construido em 1697 e ficava no que chamavam Largo do Carmo (atual acesso à Praça da República).

À sua frente ficava postado o Pelourinho, instrumento símbolo do poder real sobre a cidade (na foto de Militão o Pelourinho já não aparece, pois foi demolido em cerca de 1850).

A Casa do Conselho chegou a ser reformada em 1723, quando recebeu um sino, cuja função era chamar a população para que ouvissem os anúncios régios. Outra curiosidade é a presença do brasão do império na fachada sobre a inscrição do ano da reforma (1723). É possível que este tenha substituído o brasão colonial, uma vez que a independência só veio a ocorrer em 1822.

A Casa do Conselho foi demolida em 1866, e os trabalhos passaram a ocorrer no espaço hoje conhecido como Cadeia Velha.





Detalhe na parede do velho edifício mostra o Brasão imperial do Brasil. Logo abaixo, a data 1723, que marcou a última reforma do espaço.

# Santos e suas histórias

# Anna Costa, a Champs-Élysées Santista

ona Anna Costa, com duas letras "n" mesmo, na grafia original da época em que foi aberta a mando e expensas do marido, Mathias Casimiro Alberto da Costa, o dono da "Vila Mathias". Nada poderia ser mais romântico do que criar uma via dedicada à esposa a partir de seu próprio "corpo", quase uma simbiose equivalente a de Adão e a costela que derivou sua companheira Eva. E, assim como a lenda bíblica, onde a maçã da discórdia repeliu ambos do Paraíso para um mundo repleto de angústias, a história da avenida Anna Costa acabou sendo responsável pela morte de Mathias, brutalmente assassinado por vizinhos que o acusaram de invadir suas terras, justamente para abrir

aquela imensa avenida em direção ao mar. Assim foi o início da história da principal artéria viária de Santos, manchada de sangue, mas que o tempo tratou de limpar, até se tornar uma das mais belas páginas da nossa memória.

A avenida Dona Anna Costa nasceu acanhada, de terra batida, linha reta e empoeirada, rasgada pelos trilhos dos bondes que Mathias pretendia explorar por bastante tempo e ganhar muito dinheiro. Não foi assim para ele, mas o fora para outros que o sobrevieram. A estrada serviu de mola propulsora para o desenvolvimento da zona da orla e o surgimento do bairro mais charmoso da cidade, o Gonzaga. Não tardou para que sua extensão fosse ocupada por belissimos casarões e sobrados, o que obrigou a municipalidade a investir em sua paisagem. A avenida ganhou uma exuberante linha de palmeiras imperiais, únicas, magistrais, que emolduraram o centro da ilha. Com o passar dos anos e décadas, surgiam igrejas, cinemas, hotéis, lojas e a simbólica Praça da Independência, ícone da cidade em memória ao grande José Bonifácio de Andrada e Silva e seus irmãos, Antonio Carlos e Martim Francisco.

Não é à toa que a cidade santista, tão sintonizada com os costumes parisienses no início do século XX, tratou a avenida Dona Anna Costa como se fosse uma espécie de Champs-Élysée. E com muita justiça a este caminho repleto de glamour e identidade.



aiardinamento em três exuberantes faixas.



### Palácio da Justiça "José Xavier Carvalho de Mendonça"





O Fórum foi projetado no estilo romano, com linhas modernas. Abrigou inicialmente quatro varas cíveis, quatro criminais e nove cartórios. No andar térreo, a sala do júri, "Ademar de Figueiredo Lira", toda revestida em madeira de lei.

té a criação da Comarca de Santos, em 1832, os julgamentos aqui eram realizados pelos "juízes de fora", que vinham de outras localidades para sentenciar os casos em nome da Coroa Portuguesa e, mais tarde, do Império Brasileiro. Ouando finalmente se criou a comarca santista, o Fórum foi instalado no prédio da Casa de Câmara e Cadeia (perto da atual Praça da República). Em 1866, com a conclusão das obras da Cadeia da Praça dos Andradas (atual Cadeia Velha), para lá foram transferidas as atividades da

magistratura local.

Com o passar do tempo,
o espaço, que abrigava ainda a Câmara Municipal e as
delegacias da cidade, acabou

ficando pequeno e conturbado. Tornava-se necessário encontrar um espaço mais adequado ao funcionamento da Justiça em Santos.

Em meados da década de

1930, várias propostas sur-

giram para a instalação de um novo Fórum. Uma delas previa a construção do Palácio da Justiça na Praça dos Andradas, sendo que o projeto chegou a ser elaborado e até pedra fundamental foi lançada, em 1939. Contudo, a ideia acabou não vingando, muito em função dos altos custos da obra. Assim, o projeto foi arquivado, frustrando muita gente.

Foi então que a área onde estava erguida a edificação sede da Sociedade União Operária, na esquina da rua São Francisco e Braz Cubas,

em plena Praça José Bonifácio, acabou escolhida, desapropriada e limpa. Logo depois, as obras do Palácio da Justiça foram iniciadas, em 2 de abril de 1950, com o lançamento da pedra fundamental. Porém, mais uma vez, por conta da escassez de verbas, as obras se arrastaram, mas não foram canceladas. Os santistas insistiram no projeto, que se arrastou por longos 12 anos, sendo concluído apenas em 1962.

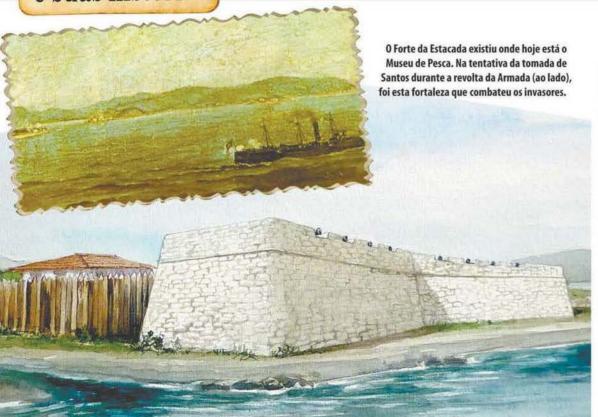
O engenheiro responsável pela construção do Fórum foi Hernani do Val Penteado, o mesmo que projetara o Aeroporto de Congonhas.

Em 22 de outubro de 1962, o palácio, nomeado José Xavier Carvalho de Mendonça, finalmente era inaugurado, com grande festa na cidade.



# Forte da Estacada





local onde hoje está situado o Museu de Pesca, no passado, já foi uma fortaleza. Construída, em 1734, por João de Castro Oliveira, esta fortificação tinha a missão de atuar como "fogo cruzado" ao lado do Forte da Barra Grande, de modo a fechar real e totalmente a entrada do porto. O lugar, segundo alguns historiadores, foi nos primeiros tempos coloniais um dos pontos de desembarque do Porto de S. Vicente ou da Capitania de S. Vicente, onde teria fundeada a armada de Martim Afonso e seu irmão Pero Lopes de Sousa.

Quando foi planejado, era pra ser um forte completo, com uma planta quadrangular e quatro baluartes. Porém, sem recursos, só uma das faces foi concluída. O restante foi feito com madeiras em estaqueamento.

Era a fortaleza de primeiro combate às forças que vinham pela Barra. Tanto que foi a única que disparou contra o cruzador República, durante a tentativa de invasão pelos membros da Revolta da Armada, em 1893.

No começo do século XX, a construção do forte já não existia mais. Apenas restavam os canhões, entre as dunas de areia. Assim, com a inauguração do Forte Itaipu, sua área acabou sendo ocupada, a partir de setembro de 1909, pelo prédio da Escola de Aprendizes-Marinheiros, o atual Museu de Pesca, na Ponta da Praia. No local ainda existe um canhão Withworth, de 1860, de fabricação inglesa.



### Escholástica Rosa Berço do primeiro curso profissionalizante do Brasil





O Escholástica Rosa abrigou o primeiro curso técnico do país (1908) e a primeira escola pública de ensino superior da Baixada Santista (1986).

Pioneirismos marcantes em mais de 100 anos de história.

ormar trabalhacapazes, qualificados acima de tudo. conscientes. Este era o lema que norteava o pensamento de João Octávio dos Santos, responsável por criar, em 1908, um modelo de escola até então inédito no país. Sua instituição oferecia aos alunos mais do que a formação básica, mas algo que pudessem utilizar para a construção de suas vidas profissionais. Com a ideia, assim, nascia em Santos os primeiros cursos profissionalizantes do país (nutrição e metalurgia).

João Octávio era um vencedor nato. Ele superou todos os preconceitos próprios de uma sociedade rígida (era fruto de uma relação furtiva do respeitado Joaquim

Otávio Nébias com uma negra escrava, Dona Escholástica). Diante disso, com muito trabalho e criatividade, lutou muito até que acabou por enriquecer exportando bananas. Ciente de seu passado, alimentava um sonho: o de construir um lugar para crianças órfãs ou menos favorecidas. A ideia era oferecer-lhes uma oportunidade extra para vencer na vida.

Quando inaugurou o imponente prédio da futura escola na Ponta da Praia, em 1° de janeiro de 1908, batizando-o como o nome da mãe negra (Escholástica Rosa), João Octávio já era o principal benfeitor da Santa Casa de Misericórdia e dono de diversas glebas de terra em Santos. O empresário, que cresceu sem a tutela do

pai, tinha a ideia de fazer do local um imenso orfanato, mas percebeu que se fazia necessário oferecer mais do que abrigo àquelas crianças. Era preciso prepará-las para o futuro. Assim, quando fundou a escola, o fez com o objetivo de assegurar educação, cultura e profissão aos órfãos e bastardos, assim como ele.

#### O prédio

Projetado pelo renomado engenheiro Ramos de Azevedo, o prédio foi dividido em cinco blocos, semelhante a pavilhões hospitalares, interligados por galerias com arcos, criando um pátio interno. Em ambos os pavimentos, a madeira domina assoalhos, forros saia-e-camisa, portas de duas folhas e vidraças tipo guilhotina.



### Western Telegraph O dia em que o "Big Ben" santista parou





O "Big Ben" de Santos no alto da torre do prédio da Western Telegraph, vizinho da Bolsa do Café. Pontualidade santista era ditada pelo equipamento inglês, até 1973. a virada do Século XIX para o XX, os costumes europeus dominavam o dia a dia dos santistas. A força do trabalho pesado provinha dos imigrantes espanhóis e portugueses; a moda, a cultura e a arquitetura tinham forte influência francesa; e os serviços públicos e a pontualidade eram britânicos.

Os ingleses dominavam os principais setores de serviços da cidade: no transporte ferroviário (São Paulo Railway), no transporte urbano, distribuição de água, gás e luz (The City of Santos Improvments) e nas telecomunicações via telégrafo (Western Telegraph). Esta última empresa, aliás, era a responsável pela pontualidade santista até a década de 1970.

Em 1914, os ingleses da Western trouxeram à cidade um exclusivo relógio da marca Gillet & Johnston. que logo foi instalado no alto de uma torre que ficava no telhado do imponente prédio que a companhia mandou erguer no Largo Senador Vergueiro extinto - vizinho da Bolsa de Café, nos lados do porto). Ajustado ao British Broadcasting Company (BBC), de Londres, e ao Rádio Relógio Federal, do Rio de Janeiro, o equipamento da Western em Santos não falhava um milésimo de segundo e suas badaladas eram a referência dos santistas para suas agendas de compromissos. Não havia quem não ajustasse seus relógios de bolso ao horário britânico do "Big Ben" santista, como ficou conhecido na cidade.

Durante décadas o relógio inglês ajudou a cidade a não se perder na hora. Mas isso durou até o dia 25 de abril de 1973. Exatamente às 12 horas daquele, dia, nenhum segundo a mais ou a menos, o "Big Ben" de Santos foi desativado, deixando saudade.

O prédio da Western foi demolido logo depois, para que fosse alargada a avenida do porto. O relógio foi desmontado e ficou sob a guarda da Companhia Docas, até que foi repassado, em 2010, à Prefeitura. Hoje, o velho "Big Ben" ainda funciona, azeitado, como dizem os mais astutos relojoeiros. E louco pra fazer com que o povo santista novamente possua uma pontualidade britânica.



#### FUNDAÇÃO ARQUIVO E MEMÓRIA DE SANTOS

### DIRETORA PRESIDENTE VERA APARECIDA TABOADA DE CARVALHO RAPHAELLI

DIRETORA ADMINISTRATIVA FINANCEIRA MARIA SILVIA TAVARES PAPA

> DIRETOR TÉCNICO SERGIO WILLIANS DOS REIS

